

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS
CENTRO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA E PESQUISA
CURSO DE MESTRADO EM GESTÃO EMPRESARIAL**

**USO DO MÉTODO DE ESTUDO DE CASO EM
ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO
BRASIL: FALSIDADE METODOLÓGICA**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA E DE EMPRESAS PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

CELSO DE ARRUDA ALBUQUERQUE
Rio de Janeiro, 28 de Setembro de 2007

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS

CENTRO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA E PESQUISA

CURSO DE MESTRADO EXECUTIVO EM GESTÃO EMPRESARIAL

TÍTULO

**USO DO MÉTODO DE ESTUDO DE CASO EM ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO
BRASIL: FALSIDADE METODOLÓGICA?**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR:
CELSO DE ARRUDA ALBUQUERQUE**

APROVADO EM ____ / ____ / ____

PELA COMISSÃO EXAMINADORA



LUIZ ANTONIO JOIA

DOUTOR EM CIÊNCIAS EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO



EDUARDO MARQUES

DOUTOR EM ECONOMIA INDUSTRIAL E DA TECNOLOGIA



ANTONIO CARLOS GAUSTAD MAÇADA

DOUTOR EM ADMINISTRAÇÃO

AGRADECIMENTOS

Aos professores do curso Mestrado em Gestão Empresarial da EBAPE/FGV, por proporcionarem um novo ângulo de observação do mundo empresarial.

Aos colegas de mestrado, que enriqueceram a experiência durante o curso.

Ao Professor Luiz Antonio Joia, pela orientação objetiva.

À minha mulher Claudia, pelo apoio e paciência.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 2 – PROBLEMÁTICA	6
2.1 Pergunta de Pesquisa	6
2.2 Objetivos	7
2.2.1 Objetivo Geral.....	7
2.2.2 Objetivos Específicos.....	7
2.3 Premissas	7
2.4 Delimitação da Pesquisa	10
2.5 Relevância da Pesquisa	10
CAPÍTULO 3 – REFERENCIAL TEÓRICO	11
3.1 Pesquisa Qualitativa	11
3.2 Pesquisa Positivista	13
3.3 Pesquisa Interpretativista	14
3.4. Pesquisa Crítica	15
3.5 Método de Estudo de Caso	16
3.5.1 Fontes de Evidências	22
3.5.2 Análise de Dados	28
3.5.3 Testes de Qualidade	35
CAPÍTULO 4 – MÉTODO DE PESQUISA	38
4.1 Tipo de Pesquisa	38
4.2 Procedimento da Pesquisa	40
4.3 Limitações do Método	47
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DOS DADOS	48
CAPÍTULO 6 – OBSERVAÇÕES FINAIS	60
6.1 Conclusões	60
6.2 Sugestões Para Pesquisas Futuras	62

6.3 Limitações da Pesquisa	62
REFERÊNCIAS	63
ANEXO	66

TABELAS

Tabela 1 – Fontes de Evidências	26
Tabela 2 – Métodos de Pesquisa Declarados	48
Tabela 3 – Propósitos de Pesquisa Declarados	50
Tabela 4 - Processos de Coleta de Dados.....	51
Tabela 5 - Processos de Análise de Dados	52
Tabela 6 - Natureza dos Resultados	53
Tabela 7 - Estudos de Caso? Sim Ou Não?	54
Tabela 8 – Apresentação e Pergunta de Pesquisa	56
Tabela 9 – Apresentação de Teoria de Base	56
Tabela 10 – Definição do(s) Constructo(s)	57
Tabela 11 – Validade do(s) Constructo(s)	57
Tabela 12 – Validade Interna	58
Tabela 13 – Validade Externa	58
Tabela 14 – Confiabilidade	59

ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Convergência de Evidências	24
Figura 2 – Procedimento da Pesquisa	40
Gráfico 1 – Incidência de Estudos de Caso e Outros Métodos	49
Gráfico 2: Estudos de Caso. Sim ou Não?	55

RESUMO

O método de estudo de caso é o mais utilizado nas pesquisas da área de Administração da Informação (ADI) do ENANPAD, mas vem sofrendo abusos na sua utilização. Em muitos casos, os trabalhos nada apresentam em relação ao método além da citação do seu nome. Ao mesmo tempo, a área empreende esforços para ser reconhecida como disciplina de referência na Administração. Dentro desse contexto, essa pesquisa buscou investigar se os trabalhos aceitos pela área entre os anos de 2001 e 2007 e classificados pelos autores como estudos de caso atendem aos requisitos básicos do método, ou seja, se são estudos de caso ou apenas citações de caso. A pesquisa constatou que dos 112 artigos classificados pelos autores como estudos de caso num universo de 320 artigos aceitos pela área de ADI no período, 48 não podem ser assim classificados, ou seja, não guardam nenhuma semelhança com o método. Os 64 demais artigos têm, entretanto, baixos percentuais de utilização dos instrumentos de validação e confiabilidade associados a estudos de caso. A conclusão foi de que a indiscriminada utilização da denominação “estudo de caso” em estudos de outra natureza contribui para as críticas infundadas ao método, além de não contribuir para o reconhecimento da área de ADI como disciplina de referência no campo da Administração.

ABSTRACT

The case study method is the most used in the Information Management (ADI) area researches from ENANPAD, but has been suffering abuses in its usage. In many cases, the work has no relation whatsoever to the method besides the citation of its name. Meanwhile the area strives to be recognized as a discipline of reference in Administration. In this context, this research aimed to investigate if the work accepted by the area between 2001 and 2007, classified by authors as case studies, meets the basic requisites of the method, if they are in fact case studies or simply case citations. The research reached the conclusion that out of the 112 articles classified by authors as case study in a total of 320 articles accepted by the ADI area in that period of time, 48 can't be classified so for they hold no similarity to the method. The 64 articles left have, however, a low percentual of usage of the validation and reliability mechanisms associated to case study method. The conclusion was that the indiscriminated use of the "case study" denomination in studies of other nature contributes for the unfounded criticism to the method, besides not contributing for the recognition of the ADI area as a discipline of reference in the Administration field.

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

“O estudo de caso há muito foi - e continua a ser – estereotipado como o parente pobre entre os métodos de pesquisa em ciências sociais. Os pesquisadores que realizam estudos de caso são vistos como se tivessem rebaixado o nível de suas disciplinas acadêmicas” (YIN, 2005, p.11). A afirmação anterior é a primeira frase do prefácio do clássico “Estudo de Caso – Planejamento e Métodos” de Robert Yin, onde o autor dedica espaço relevante para desmistificar o estudo de caso como um método “inferior”, refutando ponto a ponto todas as críticas ao método, entre elas a insuficiência de precisão, objetividade e rigor. Apesar da relevância e valor potencial dos estudos de caso na área de Sistemas da informação (SI), essa abordagem metodológica foi considerada uma das menos sistemáticas até a segunda metade da década de 1980, quando estudos começaram a mostrar preocupação com o rigor. São exemplos os trabalhos de Benbasat, Goldstein e Mead (1987), Lee (1989) e Eisenhardt (1989) (DUBÉ; PARÉ, 2003).

A área acadêmica de SI é relativamente jovem no Brasil. Surgiu na década de 1970 na SUCESU (Sociedade de Usuários de Computadores e Equipamentos Subsidiários) e na década de 1980 nas escolas de Administração. Em 1988, foi criada a área de Administração da Informação (ADI) no Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração (ENANPAD), principal fórum de divulgação e debate da pesquisa em Administração no Brasil. Segundo Hoppen e Meirelles (2005),

inicialmente a produção da área era incipiente - dezoito trabalhos e duas comunicações foram submetidos em 1991, sendo doze selecionados - e restrita a poucos autores, só se tornando significativa após o ano 2000 - 200 trabalhos submetidos em 2004, sendo 38 aprovados. O estudo de caso é o método mais utilizado na pesquisa em ADI no Brasil, conforme os dados a seguir: Hoppen e Meirelles (2005) constataram 48% de participação de estudos de caso nos 259 artigos apresentados na área de ADI do ENANPAD no período 1990-2003, já Lunardi, Rios e Maçada (2005) constataram uma participação de 50,9% de estudos de caso numa amostra de 334 artigos referentes a área de ADI no período 1997-2004, sendo 236 obtidos do ENANPAD e 98 de revistas com conceito "A" do Qualis da CAPES.

Apesar da predominância do estudo de caso como método de pesquisa na área de ADI, muitos estudos classificados por seus autores como tal, assim não se caracterizam. Muitas vezes são denominados estudos de caso pelo simples fato de serem desenvolvidos em apenas uma unidade ou por incluírem um número reduzido de sujeitos, refletindo uma visão equivocada sobre a natureza desse método de pesquisa. Outro aspecto que não contribui para o prestígio do método e gera muita confusão é o fato do termo ser usado não apenas para identificar o método de pesquisa, mas com o objetivo de ilustrar uma argumentação, uma categoria ou uma condição (ALVES-MAZZOTTI, 2006).

Segundo a mesma autora, tais problemas parecem ser, em parte, induzidos por equívocos da literatura sobre o método, bem como por discordâncias entre os autores que dele se ocupam. Ela destaca que o maior

desses equívocos reside na afirmação de que os estudos de caso são um tipo de pesquisa mais fácil, pelo fato de lidar com uma ou poucas unidades. Tal idéia foi disseminada, entre outros, por Bogdan e Biklen em “Investigação qualitativa em educação, Porto Editora, 1994”, que sugerem que investigadores iniciantes começem sua aprendizagem de pesquisa por meio de estudos de caso por “serem mais fáceis de realizar”. Tal afirmação escamoteia a complexidade desse tipo de pesquisa, bem como as dificuldades que lhe são inerentes.

A área de SI vem buscando sua afirmação como disciplina de referência na Administração, por meio de esforços no desenvolvimento do rigor científico para chegar a uma pesquisa de alta qualidade. Como consequência dessa preocupação, houve um incremento na quantidade de artigos científicos analisando esse movimento e buscando avaliar a qualidade da produção científica da área (ZIMMER; FERREIRA; HOPPEN, 2007). Esses artigos têm avaliado a produção acadêmica sob a ótica dos critérios de qualidade de um trabalho científico, isto é, por meio dos instrumentos de validação e confiabilidade. O que se observa é uma grande quantidade de estudos de caso “realizados sem o devido rigor metodológico, gerando, como consequência, fragilidade nos trabalhos produzidos” (DINIZ et al., 2006, p.1).

Há vários trabalhos acadêmicos dedicados à validação de instrumentos aplicados a pesquisas, como os de Straub (1989), Pinsonneault e Kraemer (1993), Oliveira, Maçada e Goldoni (2006), Diniz et al. (2006) e Zimmer, Ferreira e Hoppen (2007), sendo o de Oliveira, Maçada

e Goldoni (2006) específico para estudos de caso na área de SI no Brasil. Entretanto, há uma lacuna na verificação da adequada classificação dos artigos selecionados pelos autores como estudos de caso, antes da investigação dos padrões de qualidade relativos à validade do constructo, validade interna (explanatórios ou causais), validade externa e confiabilidade.

Os artigos mencionados acima buscam tais instrumentos em todas as pesquisas classificadas pelos autores como estudo de caso. Ocorre que no universo analisado há pesquisas que não guardam nenhuma semelhança com o método e, portanto, geram uma drástica redução nos índices de qualidade na utilização do método.

Um bom exemplo disso é a pesquisa de Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) sobre uma amostra de 2003 a 2005 extraída dos anais do ENANPAD e de periódicos classificados no Qualis como Nacional A (Revista de Administração da USP - RAUSP, Revista de Administração Pública – RAP, Revista de Administração Contemporânea – RAC, Revista de Administração de Empresas – RAE, Organização e Sociedade – O&S), que identificou a presença de validade do constructo em apenas 5% da amostra.

A presente pesquisa se propôs a uma análise semelhante em relação ao método mais utilizado na área de ADI – Estudo de Caso -, procedendo preliminarmente à verificação da adequada classificação metodológica dos trabalhos pelos seus autores, ou seja, impondo um filtro “grosso” para identificar os estudos que não guardavam nenhuma semelhança com o

método de estudo de caso, embora fossem assim classificados por seus autores.

Assim, tendo em vista o contexto apresentado, essa pesquisa pretende verificar, dentro dos Anais do ENANPAD de 2001 a 2007 da área ADI, se os trabalhos apresentados como estudos de caso podem ser assim classificados, ou seja, se observam as características do método estudo de caso, contribuindo assim para a melhoria do rigor científico da área de ADI e para a desmistificação da fragilidade do método de estudo de caso como estratégia de pesquisa.

CAPÍTULO 2 – Problemática

2.1 Pergunta de Pesquisa

Diante das freqüentes e contundentes críticas ao método de estudo de caso como estratégia de pesquisa (YIN, 2005) e do desafio da área de ADI ser reconhecida como referência na pesquisa em administração, por meio do rigor científico e consequente perfil de qualidade (ZIMMER; FERREIRA; HOPPEN, 2007), a presente pesquisa pretende verificar se a classificação “Estudo de Caso” vem sendo bem empregada pelos autores de artigos na área de ADI do ENANPAD, no período compreendido entre os anos de 2001 e 2007, ou seja, se tal é aderente às pesquisas apresentadas. O intervalo de tempo escolhido justifica-se pela constatação da maior significância e crescimento da produção acadêmica da área durante esse período (HOPPEN; MEIRELLES, 2005).

O termo “Falsidade Metodológica” empregado no título tem a conotação de utilização não adequada do método de Estudo de caso. Portanto, sinteticamente, o problema motivador dessa pesquisa pode ser definido na seguinte pergunta de pesquisa:

“Os artigos classificados pelos seus autores como estudo de caso na pesquisa de Administração da Informação no Brasil são realmente estudos de caso ou apenas citações de caso?”

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo Geral

Avaliar como foi aplicado o método de estudo de caso na produção acadêmica brasileira na área de ADI do ENANPAD, no período de 2001 a 2007.

2.2.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos dessa pesquisa são listados abaixo:

- Avaliar se as pesquisas que indicam a utilização do método de estudo de caso apresentam as principais características do método;
- Avaliar se as pesquisas que indicam a utilização do método de estudo de caso apresentam os instrumentos de validação do método.

2.3 Premissas

- a) Estudo de caso é um método de pesquisa qualitativa (BENBASAT; GOLDSTEIN; MEAD, 1987; MYERS, 2008; MINAYO, 1992 *apud* RABIA *et al.*, 2006; OLIVEIRA; MAÇADA; GOLDONI, 2006; HOPPEN; MEIRELLES, 2005).

O que caracteriza a natureza qualitativa do método de estudo de caso são as técnicas utilizadas para a coleta e, principalmente, a análise dos dados ou evidências. No caso da coleta de dados, um estudo de caso deve utilizar múltiplas fontes de evidências (BENBASAT; GOLDSTEIN; MEAD, 1987; YIN, 2005; MYERS, 2008; PARÉ, 2004).

Yin (2005, p.111) cita as seis fontes de evidências mais comumente usadas:

- Entrevistas;
- Documentação;
- Registros em arquivos;
- Observação direta;
- Observação participante;
- Artefatos físicos.

Dentre as seis fontes de evidências listadas acima, apenas uma – registros em arquivos – comporta dados quantitativos, como por exemplo, “o número de clientes atendidos em um determinado período de tempo” (YIN, 2005, p.115). Se um estudo de caso se baseia em múltiplas fontes de evidências, a utilização desse dado quantitativo tem a finalidade de fortalecer outras evidências qualitativas e não caracteriza a pesquisa como quantitativa.

Quanto à análise dos dados, Yin, (2005, p.137) aponta três estratégias analíticas para estudos de caso: (i) baseando-se em proposições teóricas, (ii) pensando sobre explanações concorrentes e (iii) desenvolvendo

uma descrição de caso. As três estratégias são claramente voltadas para a análise qualitativa de proposições verbais, sendo impensável que qualquer das três estratégias possa utilizar análise quantitativa de dados.

Lee (1989) sustenta a afirmação acima, quando indica a dificuldade que o pesquisador de estudo de caso enfrenta ao lidar com dados qualitativos e proposições verbais. Segundo ele, fazer deduções controladas com proposições verbais (isto é, análise qualitativa) é mais problemático do que ter à disposição a conveniência da lógica matemática amplamente aceita nas ciências naturais e utilizada por métodos quantitativos.

Portanto, para fins dessa pesquisa o estudo de caso é um método qualitativo. Artigos que utilizam métodos quantitativos de análise de dados não foram classificados como estudos de caso.

b) Não foi adotada a classificação quali-quantitativa na pesquisa realizada. Os artigos que utilizaram dados quantitativos para confirmar evidências qualitativas e não utilizaram procedimentos estatísticos para analisar os dados foram classificados como qualitativos.

c) Embora o referencial teórico apresente também as perspectivas interpretativista e crítica, a perspectiva positivista foi a utilizada para a análise dos artigos, visto ser a adotada na maioria das pesquisas em SI (DUBÉ; PARÉ, 2003; DINIZ *et al.*, 2006). A distinção entre positivismo e interpretativismo também não é clara. Literaturas conceituadas indicam como estudos de caso – historicamente um método de pesquisa

interpretativista - devem ser conduzidos dentro da tradição positivista (WEBER, 2004). Os conceitos defendidos por Yin (2005) também foram os adotados nessa pesquisa, por ser o autor mais citado nos artigos analisados.

2.4 Delimitação da Pesquisa

A pesquisa está restrita aos trabalhos da produção acadêmica brasileira na área de ADI publicados nos Anais do ENANPAD no período de 2001 até 2007, os quais declararam explicitamente o uso do método de estudo de caso.

2.5 Relevância da Pesquisa:

Lunardi, Rios e Maçada (2005) e Hoppen e Meirelles (2005) verificaram, durante a ainda breve vida da área de ADI, uma predominância na utilização do método de estudo de caso nas pesquisas. Entretanto, há indícios de que esse método vem sendo abusivamente utilizado e, em muitos casos, os trabalhos nada têm a ver com ele, além da citação do seu nome. Ao mesmo tempo, a área de ADI empreende esforços para ser reconhecida como disciplina de referência na Administração. Assim, a relevância da pesquisa está na contribuição para a melhoria na qualidade da pesquisa na área de ADI, na medida em que identifica a má utilização do método de estudo de caso, assim como na desmistificação da sua fragilidade como estratégia de pesquisa.

CAPÍTULO 3 – REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Pesquisa Qualitativa

Métodos qualitativos de pesquisa foram desenvolvidos nas ciências sociais para permitir aos pesquisadores estudar fenômenos sociais e culturais. Exemplos de métodos qualitativos são pesquisa-ação, estudo de caso e etnografia. As fontes de dados associadas às pesquisas qualitativas incluem observação e observação participativa, entrevistas e questionários, documentos e textos, além de impressões do pesquisador. A motivação para realizar pesquisa qualitativa, ao contrário da quantitativa, vem da observação de que o que distingue o homem na natureza é sua habilidade de falar. Métodos de pesquisa qualitativa foram criados para ajudar pesquisadores a entender pessoas e o contexto social e cultural onde vivem (MYERS, 2008).

Juntando-se a isto o fato de que métodos conhecidos como “quantitativos” não mais respondiam adequadamente aos objetivos de algumas pesquisas em SI, por causa de fatores como a elevada complexidade de interpretação de resultados e os grandes tamanhos de amostra usualmente requeridos, linhas de pesquisa em que fenômenos são intensamente examinados e entendidos em seu contexto começaram a ser sugeridas.

Há um interesse crescente no uso de técnicas qualitativas nas ciências administrativas. Esse interesse tem sido despertado pela insatisfação geral com o tipo de informação de pesquisa fornecido pelas

técnicas quantitativas (VAN MAANEN, 1982, apud BENBASAT; GOLDSTEIN; MEAD, 1987, p.369). A insatisfação tem vários motivos: a elevada complexidade dos métodos multivariados, o tamanho das amostras usualmente requeridos e a dificuldade de compreensão e interpretação dos resultados (BENBASAT; GOLDSTEIN; MEAD, 1987).

Orlikowski e Baroudi (1991) sugerem três categorias de pesquisa qualitativa, baseados em epistemologias fundamentais de pesquisa: positivista, interpretativista e crítica. Embora essas três epistemologias de pesquisa sejam filosoficamente distintas, na prática da pesquisa social essas diferenças não são sempre tão claras, como apresentado por Lee (1989). Não há consenso se esses paradigmas de pesquisa ou epistemologias fundamentais são necessariamente opostos ou podem ser acomodados dentro de um estudo.

O que Myers (2008) destaca é que ‘qualitativo’ não é sinônimo de ‘interpretativismo’ - pesquisa qualitativa pode ou não ser interpretativista, dependendo do presuposto filosófico do pesquisador. Pesquisa qualitativa pode ser positivista, interpretativista, ou crítica. A conclusão é que a escolha de um método específico de pesquisa qualitativa (como estudo de caso) independe das posições filosóficas fundamentais adotadas. Como exemplo, um estudo de caso pode ser positivista (YIN, 1994 *apud* MYERS, 1999), interpretativista (WALSHAM, 1993 *apud* MYERS, 1999) ou crítica (exemplo não encontrado).

3.2 Pesquisa Positivista

Positivistas supostamente acreditam que a realidade é separada do indivíduo que a observa. Eles aparentemente consideram o sujeito (pesquisador) e o objeto (fenômeno foco) como coisas independentes, separadas. Em resumo, a ontologia positivista é dualista por natureza (WEBER, 2004).

Positivistas assumem que a realidade é objetivamente dada e pode ser descrita por propriedades mensuráveis que são independentes do observador (pesquisador) e de seus instrumentos. Estudos positivistas geralmente se propõem a testar teorias, numa tentativa de aumentar o entendimento preditivo de um fenômeno (MYERS, 2008).

Orlikowski e Baroudi (1991) classificaram pesquisa em SI como positivista se existe evidência de proposição formal, medidas quantificáveis de variáveis, teste de hipóteses e inferência sobre um fenômeno a partir de uma amostra para uma população. Exemplos da perspectiva positivista em pesquisa qualitativa incluem os trabalhos de Yin (2005) e Benbasat, Goldstein e Mead (1987) em pesquisa de estudo de caso (MYERS, 2008).

Epistemologicamente, positivistas supostamente tentam construir conhecimento de uma realidade que existe além da mente humana. Eles aparentemente acreditam que a experiência humana do mundo reflete uma realidade objetiva e independente, e que essa realidade fornece a base do conhecimento humano (WEBER, 2004).

O foco da pesquisa positivista consiste em “descobrir” a realidade objetiva por meio de medições que vão detectar as dimensões da realidade de interesse do pesquisador. Epistemologicamente, estudos positivistas têm como premissa a existência de uma relação fixa entre o fenômeno capaz de ser identificado e testado via lógica hipotética-dedutiva e análise (PARÉ, 2004).

3.3 Pesquisa Interpretativista

Interpretativistas acreditam que a realidade e o indivíduo que a observa não podem ser separados. A base da sua argumentação é que a percepção do mundo está intrinsecamente restrita ao conjunto de experiências que vivenciamos ao longo de nossas vidas, que tem características subjetivas e objetivas. A subjetiva reflete nossas percepções sobre o significado de algum mundo. A objetiva reflete que nós constantemente negociamos esse significado com outros com quem interagimos. Em outras palavras, é objetivo no sentido que reflete uma realidade intersubjetiva (WEBER, 2004).

Pesquisadores interpretativistas partem da premissa de que o acesso à realidade (dada ou socialmente construída) se dá somente por meio de construções sociais como linguagem, conscientização e significados compartilhados. A base filosófica da pesquisa interpretativista é a hermenêutica e a fenomenologia (BOLAND, 1985 *apud* MYERS, 2008).

Estudos Interpretativistas genericamente tentam entender os fenômenos por meio de significados que as pessoas atribuem a eles e métodos de pesquisa interpretativistas em SI são "levados a produzir um entendimento do contexto do sistema de informação, e o processo pelo qual o sistema de informação influencia e é influenciado pelo contexto" (WALSHAM 1993 *apud* MYERS, 2008).

Pesquisa interpretativista não pré-define variáveis dependentes e independentes, mas focaliza toda a complexidade humana do "fazer sentido" quando a situação emerge. (KAPLAN e MAXWELL, 1994 *apud* MYERS, 2008).

São exemplos de uma perspectiva interpretativista em pesquisa qualitativa os trabalhos de Boland (1991) e Walsham (1993) (MYERS, 2008). Por outro lado, Klein e Myers (1999) propõem uma série de princípios para conduzir e avaliar pesquisas interpretativistas.

3.4 Pesquisa Crítica

Pesquisadores críticos assumem que a realidade social é historicamente constituída e que é produzida e reproduzida pelas pessoas. Embora as pessoas possam agir conscientemente para mudar suas circunstâncias sociais e econômicas, pesquisadores críticos entendem que suas habilidades para fazer isso são contidas por várias formas de dominação social, cultural e política. A tarefa principal da pesquisa crítica é desenvolver uma crítica social, onde as condições restritivas e alienantes do

status quo são trazidas à tona. A pesquisa crítica focaliza nas oposições, conflitos e contradições na sociedade contemporânea, e procura ser emancipadora, ou seja, tem a intenção de eliminar as causas da alienação e da dominação (MYERS, 2008).

Um dos maiores expoentes da teoria social crítica contemporânea é Jurgen Habermas, que é visto por muitos como um dos maiores filósofos do século XX. Habermas foi membro da escola de Frankfurt, que incluía figuras como Adorno, Horkheimer, Lukacs, and Marcuse.

Exemplos da perspectiva crítica na pesquisa qualitativa incluem Ngwenyama e Lee (1997) e Hirschheim e Klein (1994) (MYERS, 2008).

3.5 Método de Estudo de Caso

O estudo de caso é um método de pesquisa qualitativa segundo Benbasat, Goldstein e Mead (1987), Myers (2008) e Minayo (1992) *apud* Rabia *et al.* (2006). Entretanto, a orientação epistemológica pode ser positivista, interpretativista ou crítica (KLEIN; MYERS, 1999; DUBÉ; PARÉ, 2003), embora na área de ADI haja uma predominância da orientação positivista (DINIZ *et al.*, 2006).

O processo de produção do conhecimento científico pode ser visto como uma interlocução contínua entre pesquisadores de uma determinada área. Participar dessa ‘conversa’ é fundamental para o pesquisador, pois é por meio da avaliação crítica da comunidade acadêmica que os novos conhecimentos produzidos são validados ou não. Assim, a aprovação da

confiabilidade e relevância da pesquisa pela comunidade acadêmica exige que o pesquisador se mostre familiarizado com o estado-da-arte do conhecimento sobre o tema abordado, de modo a inserir sua pesquisa no processo de produção coletiva do conhecimento (ALVES-MAZZOTTI, 2006).

No entanto, pode-se observar que muitas pesquisas classificadas por seus autores como “estudo de caso” parecem desconsiderar o fato de que o conhecimento científico se desenvolve por meio desse processo de construção coletiva. Ao não situar seu estudo na discussão acadêmica mais ampla, o pesquisador reduz a questão estudada ao recorte de sua própria pesquisa, restringindo a aplicação de suas conclusões a outros contextos, pouco contribuindo para o avanço do conhecimento (ALVES-MAZZOTTI, 2006).

Segundo Benbasat, Goldstein e Mead (1987), um estudo de caso examina um fenômeno no seu ambiente natural, utilizando múltiplos métodos de coleta de dados para obter informações de uma ou poucas entidades (pessoas, grupos, organizações), onde as fronteiras do fenômeno não são evidentes no início da pesquisa e não são utilizados controles experimentais ou manipulação.

Yin (2005) define o estudo de caso como uma indagação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do contexto real especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são evidentes. A investigação sob a forma de estudo de caso se baseia em várias fontes de evidências e utiliza-se do desenvolvimento prévio de

proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados (YIN, 2005; BENBASAT; GOLDSTEIN; MEAD, 1987).

Segundo Myers (2008), o termo “estudo de caso” é utilizado de diversas formas. Ele pode ser usado para descrever uma unidade de análise (o estudo de caso de uma determinada organização) ou para descrever um método de pesquisa. O estudo de caso é o método de pesquisa mais utilizado em SI no Brasil (OLIVEIRA; MAÇADA; GOLDONI, 2006; HOPPEN; MEIRELLES, 2005).

O estudo de caso é utilizado como método de pesquisa em diversas situações, com o intuito de contribuir para a ampliação do conhecimento que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e de grupo. Disciplinas como a psicologia, sociologia, ciência política e administração, entre outras, fazem uso regular do método, que é aplicado até em economia. Ele é o método preferido quando se deseja compreender fenômenos sociais complexos, se colocam questões do tipo “como” e “porque”, o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real (YIN, 2005).

Segundo Gil (1999) *apud* Biasio e Borenstein (2006) o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de forma a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidências.

Segundo Minayo (1992) *apud* Rabia et al (2006, p.4), as metodologias de pesquisa qualitativa - entre elas o estudo de caso - são “entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento como na sua transformação, como construções humanas significativas” São incorporados, portanto, aspectos objetivos e subjetivos da realidade para alcançar explicações mais abrangentes e com profundidade. Dessa forma, pode-se atingir resultados que normalmente não são possíveis a partir da pesquisa quantitativa.

A escolha do método de estudo de caso é considerada particularmente apropriada quando a pesquisa e a teoria estão em estágios iniciais e formativos, quando o problema for baseado na prática, a experiência dos atores for importante e o contexto da ação crítico (BENBASAT; GOLDSTEIN; MEAD, 1987).

O método de estudo de caso é considerado uma forma de análise qualitativa e, não havendo consenso por parte dos pesquisadores sobre as etapas a serem seguidas durante o seu desenvolvimento, permite que se produzam resultados passíveis de confirmação por outros estudos (GIL, 2002 *apud* MARQUES; CUNHA; SILVA, 2006).

Lee (1989) sustenta que uma metodologia científica não precisa necessariamente envolver elementos como controles de laboratório, controles estatísticos, proposições matemáticas e proposições replicáveis. O estudo de caso pode atingir objetivos científicos por outros meios, tais como

controles naturais e proposições verbais. Um estudo de caso em SI que desenvolve suas deduções utilizando proposições verbais (i.e., análise qualitativa), apenas não se utiliza da conveniência das regras da álgebra, mas se utiliza das regras da lógica formal, que continuam válidas nas tarefas de fazer deduções controladas.

Para o pesquisador em SI que estuda um caso no mundo real não é possível, pela própria natureza do método, utilizar controles de experimentos em laboratórios, já que um caso simples normalmente produz mais variáveis que dados – uma situação que torna inaplicável os controles estatísticos (YIN, 1981 *apud* LEE, 1989).

Ainda segundo Lee (1989), pesquisadores em algumas ciências naturais, como astronomia, geologia e biologia humana não podem conduzir experiências de laboratório por razões óbvias e estão, portanto, impedidos de utilizar controles de laboratório e, consequentemente, obter observações controladas. Nesse sentido, pesquisadores de SI utilizando estudo de caso estão em boa companhia quando utilizam controles naturais, como na companhia de Charles Darwin, por exemplo (LEE, 1989).

Os estudos de caso podem ter três abordagens: explanatória (ou causal), quando se quer demonstrar que “a” leva a “b”; exploratória quando se quer descobrir mais sobre determinado fenômeno ou apresentar proposições para futuras pesquisas, e descriptiva quando se quer descobrir fenômenos-chave num determinado universo. Os estudos de caso podem também ter abordagens múltiplas, como exploratória e descriptiva ou causal e exploratória.

Embora muito utilizado em diversas áreas do conhecimento, há muitas críticas no meio científico quanto ao seu uso como método de pesquisa em ciências sociais, muitas vezes extensivas a quem o usa (LEE, 1989; YIN, 2005). Dentre elas, as mais contundentes se referem à dita insuficiência de precisão, objetividade e rigor. E não sem motivo, pois, por muitas vezes, o pesquisador de estudo de caso foi negligente, não seguiu os procedimentos sistemáticos ou permitiu que se aceitassem evidências equivocadas ou visões tendenciosas para influenciar o significado das constatações e conclusões (YIN, 2005). Em seu clássico livro sobre o tema, Yin (2005) utiliza importante espaço na defesa do método, destacando, entretanto, a necessidade dos cuidados nos procedimentos sistemáticos na sua utilização.

Segundo Yin (2005), a investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, deve basear-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, beneficiando-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise dos dados.

A triangulação de dados é um processo de múltiplas percepções, em que várias fontes de evidências são utilizadas para tornar as idéias mais claras, tendo em vista a repetição de interpretações e observações (YIN, 2005).

Benbasat, Goldstein e Mead (1987) entendem que o estudo de caso é particularmente adequado para pesquisa em SI, desde que o objeto do

estudo seja sistemas de informação em organizações e o interesse esteja direcionado para o campo organizacional e não para as questões técnicas.

Yin (2005), Benbasat, Goldstein e Mead (1987) são adeptos dos estudos de caso positivistas, enquanto Walsham (1993) é adepto de estudos de caso interpretativistas (MYERS, 2008)

Enquanto Yin (2005) concentra-se na abordagem positivista para os estudos de caso, Lee (1991) busca uma conciliação entre os conceitos positivista e interpretativista, tratando-os como métodos complementares. Sua proposta é que os estudos organizacionais reconheçam e integrem os conceitos das duas abordagens em um modelo que consiste de três níveis de entendimento: (i) o entendimento subjetivo, relativo aos sujeitos humanos observados; (ii) o entendimento interpretativista, próprio do observador pesquisador e (iii) o entendimento positivista, que pertence ao pesquisador organizacional e utiliza os métodos lógico-dedutíveis (JOIA e DIAS, 2005).

3.5.1 Fontes de Evidências

Cada método de pesquisa qualitativa usa uma ou mais técnicas de coleta de dados - ou “material empírico”, como preferem muitos pesquisadores -, pois a maioria dos dados qualitativos é não numérica. Essas técnicas vão de entrevistas, observação, até pesquisa de arquivos. Fontes de dados escritos podem ser documentos publicados ou não, relatórios de empresas, memorandos, cartas, emails, faxes, artigos de jornal e outros (MYERS, 2008).

Uma característica do estudo de caso é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de fontes de evidências: documentos, registros, entrevistas, observações, artefatos (YIN, 2005; BENBASAT; GOLDSTEIN; MEAD, 1987). A fonte de evidências mais utilizada em estudos de caso é a entrevista (BENBASAT; GOLDSTEIN; MEAD, 1987).

Segundo Walsham (1995) apud Diniz *et al.* (2006), a entrevista é a técnica de coleta de dados mais importante num estudo de caso, sendo uma questão chave para o entrevistador adotar uma postura equilibrada entre a passividade exagerada e o direcionamento excessivo. Kaplan e Maxwell (1994) apud Paré (2004) destacam que a maior vantagem da entrevista é proporcionar a visão e a experiência dos respondentes nos seus próprios termos, ao invés de coletar dados que são uma simples escolha entre categorias pré-estabelecidas. Os documentos e a observação têm a principal utilidade de complementar as informações de outras fontes (OLIVEIRA; MAÇADA; GOLDONI, 2006).

Yin (2005) advoga que o uso de várias fontes de evidências desenvolve linhas convergentes de investigação, num processo de triangulação que promove a robustez do estudo de caso. Esse processo favorece também a validade do constructo, uma vez que várias fontes de evidências fornecem essencialmente várias avaliações do mesmo fenômeno.

Patton (1987) *apud* YIN (2005) apresenta quatro tipos de triangulação:

- de fontes de dados (triangulação de dados);

- entre avaliadores diferentes (triangulação de pesquisadores);
- de perspectivas sobre o mesmo conjunto de dados (triangulação de teorias);
- de métodos (triangulação metodológica).

No caso em questão (fontes de evidências), apenas o primeiro tipo (triangulação de dados) é o foco de interesse. A Figura 1 ilustra a convergência de evidências em uma triangulação de dados (YIN, 2005, p.127):

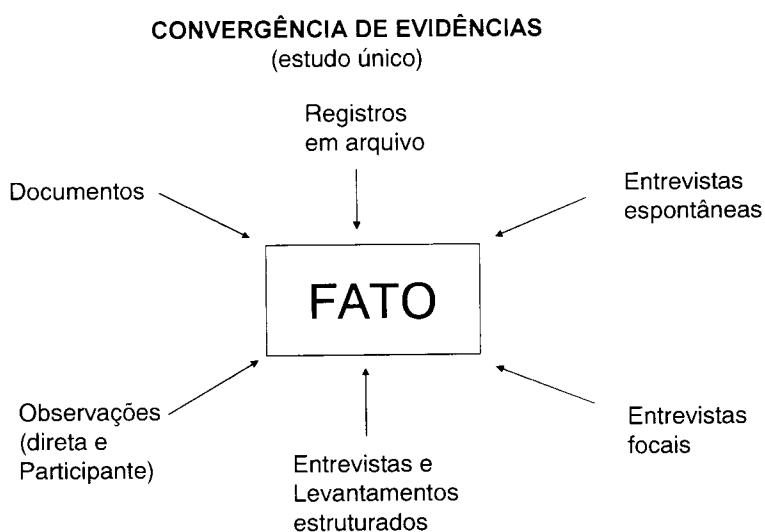


FIGURA 1: Convergência de Evidências (YIN, 2005, p.127)

Tipicamente, um pesquisador de estudo de caso usa em primeiro lugar entrevistas e material documental, sem fazer uso de observação

participativa, que é especialmente utilizada em etnografia, onde o pesquisador dedica grande quantidade de tempo no campo (MYERS, 2008).

Embora o estudo de caso seja um método qualitativo (BENBASAT; GOLDSTEIN; MEAD, 1987; MYERS, 2008; MINAYO, 1992 *apud* RABIA *et al.*, 2006; OLIVEIRA; MAÇADA; GOLDONI, 2006; HOPPEN; MEIRELLES, 2005), dados quantitativos também podem ser utilizados para confirmar evidências, o que robustece os resultados da pesquisa. Eisenhardt (1989) cita o trabalho de Mintzberg e McHugh sobre o National Film Board of Canadá em 1985, quando os autores complementaram dados qualitativos com contagem de freqüências. O mesmo ocorreu com a própria Eisenhardt e Bourgeois em pesquisa de 1988, onde combinaram dados quantitativos de questionários com evidências qualitativas no trabalho sobre processos de decisão estratégica em ambientes de rápidas mudanças. Entretanto, nos dois casos os dados quantitativos foram utilizados para fortalecer as evidências qualitativas e não como evidência conclusiva.

Segundo Dubé e Paré (2003), estudos de caso tipicamente combinam muitas fontes de dados qualitativos como entrevistas, documentação e observação, mas podem também incluir dados quantitativos como questionários ou séries temporais.

Fontes de dados ou evidências podem ser primárias e secundárias. De uma maneira geral, fontes primárias são aquelas não publicadas e obtidas diretamente das pessoas ou da organização. Fontes secundárias referem-se a qualquer material (livros, artigos, etc.) que tenham sido previamente publicados (MYERS, 2008).

Utilizar fontes múltiplas de evidência e estabelecer o encadeamento entre elas também contribui para a validade do constructo, que corresponde ao estabelecimento de medidas operacionais corretas para os conceitos que estão sob estudo (YIN, 2005).

A tabela 1 mostra os pontos fortes e fracos de cada fonte de evidência, de acordo com Yin (2005, p.113).

Fontes de Evidências	Pontos Fortes	Pontos Fracos
Documentação	<ul style="list-style-type: none"> • Estável – pode ser revisada inúmeras vezes. • Discreta – não foi criada como resultado do estudo de caso. • Exata – contém nomes, referências e detalhes exatos de um evento. • Ampla cobertura – longo espaço de tempo, muitos eventos e muitos ambientes distintos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de recuperação – pode ser baixa. • Seletividade tendenciosa, se a coleta não estiver completa. • Relato de vieses – reflete as idéias preconcebidas (desconhecidas) do autor. • Acesso – pode ser deliberadamente negado.
Registros em arquivos	<ul style="list-style-type: none"> • [<i>Os mesmos mencionados para documentação</i>]. • Precisos e quantitativos. 	<ul style="list-style-type: none"> • [<i>Os mesmos mencionados para documentação</i>]. • Acessibilidade aos locais devido a razões particulares.
Entrevistas	<ul style="list-style-type: none"> • Direcionadas – enfocam diretamente o tópico do estudo de caso. 	<ul style="list-style-type: none"> • Vieses devido a questões mal-elaboradas.

	<ul style="list-style-type: none"> • Perceptivas – fornecem inferências causais percebidas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Respostas viesadas. • Imprecisões devido à memória fraca do entrevistado. • Reflexibilidade – o entrevistado dá ao entrevistador o que ele quer ouvir.
Observação direta	<ul style="list-style-type: none"> • Realidade – tratam de acontecimentos em tempo real. • Contextuais – tratam do contexto do evento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Consomem muito tempo. • Seletividade, salvo ampla cobertura. • Reflexibilidade – o acontecimento pode ocorrer de forma diferenciada porque está sendo observado. • Custo – horas necessárias pelos observadores humanos.
Observação participante	<ul style="list-style-type: none"> • [Os mesmos mencionados para observação direta] • Perceptiva em relação a comportamentos e razões interpessoais. 	<ul style="list-style-type: none"> • [Os mesmos mencionados para observação direta] • Vieses devido à manipulação dos eventos por parte do pesquisador.
Artefatos físicos	<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de percepção em relação a aspectos culturais. • Capacidade de percepção em relação a operações técnicas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Seletividade. • Disponibilidade.

Tabela 1: Fontes de Evidências (YIN, 2005, p.113)

3.5.2 Análise de Dados

A etapa mais difícil de um estudo de caso é a análise dos dados (EISENHARDT, 1989). Quando se lida com grande quantidade de dados qualitativos sempre há o risco de se perder, ou seja, há o perigo de “morte por asfixia de dados” (PETTIGREW, 1988 *apud* EISENHARDT, 1989, p.540)

Segundo Yin (2005, p.137), “a análise dos dados consiste em examinar, categorizar, classificar em tabelas, testar ou, do contrário, recombinar as evidências quantitativas e qualitativas para tratar as proposições iniciais de um estudo”.

Para “alcançar explicações mais abrangentes e com profundidade” (MINAYO, 1992 *apud* RABIA *et al*, 2006, p.4), a análise de dados de um estudo de caso precisa ser necessariamente uma tarefa qualitativa, mesmo que se utilizem dados quantitativos para a confirmação de outras evidências qualitativas.

Conseqüentemente, um estudo de caso deve utilizar a análise de evidências para alcançar as conclusões desejadas e não a análise estatística, esta adequada para pesquisas quantitativas. Isso não quer dizer que não se possa utilizar estatística em estudos de caso, por exemplo, na coleta de percepções para serem confrontadas com outras fontes de evidências, sem se constituir, entretanto, na técnica principal de análise do estudo de caso.

Yin (2005) entende que os estudos de caso, da mesma forma que os experimentos, são generalizáveis a proposições teóricas e não a populações

ou universos. Portanto, o estudo de caso, como o experimento, não representa uma “amostragem”, ou seja, seu objetivo é expandir e generalizar teorias (generalização analítica) e não enumerar freqüências (generalização estatística).

Lee (1989) entende que, assim como experimentos nas ciências naturais, um único estudo de caso pode não generalizar uma teoria que, entretanto, pode ser confirmada por estudos de caso adicionais, ou seja, a generalização é a qualidade de uma teoria sendo testada e confirmada numa variedade de situações, quer seja por meio de estudos de caso, experimentos de laboratório ou experimentos naturais (LEE, 1989).

Yin (2005) classifica a análise de evidências em dois níveis de importância. Num primeiro nível mais geral ele coloca as três estratégias analíticas, que são:

- Baseando-se em proposições teóricas.
- Pensando sobre explanações concorrentes.
- Desenvolvendo uma descrição de caso

Segundo o autor, a primeira estratégia é a preferida, já que os objetivos e projetos originais do estudo basearam-se, presumivelmente, nas proposições teóricas. A segunda estratégia está relacionada à primeira e é relevante quando as proposições teóricas originais apresentam hipóteses concorrentes ou quando se deseja fazer avaliações do estudo de caso. A terceira estratégia é desenvolver uma estrutura descritiva a fim de organizar

o estudo de caso. O autor entende que é preferível utilizar as duas primeiras estratégias, embora a terceira possa ser uma alternativa quando houver dificuldades em fazer qualquer das duas primeiras funcionar.

Num segundo nível mais detalhado ele classifica as técnicas analíticas específicas, listadas abaixo:

- Adequação ao padrão.
- Construção da explanação.
- Análise de séries temporais.
- Modelos lógicos.
- Síntese de casos cruzados.

A adequação ao padrão é uma das técnicas mais desejáveis de análise de estudos de caso. A lógica é a comparação de um padrão fundamentalmente empírico com outro de base prognóstica (ou com várias outras previsões alternativas). Se o estudo de caso for explanatório, os padrões podem se relacionar às variáveis dependentes ou independentes do estudo (ou a ambas). Se o estudo de caso for descritivo, a adequação ao padrão ainda assim é relevante, já que o padrão previsto de variáveis específicas é definido antes da coleta de dados (YIN, 2005).

A construção da explanação é um tipo especial de adequação ao padrão, que consiste em explicar um fenômeno através de elos teórico-causais, de forma a eliminar a possibilidade de explanações concorrentes (YIN, 2005).

A técnica de análise de séries temporais busca analisar cronologicamente o curso dos acontecimentos e os efeitos nas variáveis de estudo, de acordo com o referencial teórico do estudo, em contraste com uma tendência concorrente (YIN, 2005).

A técnica de modelos lógicos estipula deliberadamente um encadeamento complexo de eventos ao longo do tempo. Os eventos são representados em padrões repetidos de causa-efeito, por meio do qual uma variável (evento) dependente em um estágio anterior torna-se uma variável independente (evento causal) para o próximo estágio (Peterson & Bickman, 1992; Rog & Huebner, 1992 *apud* YIN, 2005). É uma combinação das técnicas de adequação ao padrão e análise de séries temporais (YIN, 2005).

A técnica de síntese de casos cruzados é específica para estudo de casos múltiplos e consiste em agregar descobertas ao longo de uma série de casos individuais. Se houver disponibilidade de grande número de estudos de caso individuais, a síntese pode incorporar técnicas quantitativas ou meta-análises (YIN, 2005).

Myers (2008), cujo enfoque é interpretativista, entende que embora exista uma clara distinção entre levantamento de dados e análise de dados na pesquisa quantitativa, tal distinção é problemática para pesquisadores qualitativos. Como exemplo, na abordagem hermenêutica é assumido que os pressupostos do pesquisador afetam o levantamento dos dados – as questões apresentadas aos informantes determinam fortemente o que você está querendo encontrar. A análise afeta os dados e os dados afetam a análise de forma significativa. Portanto, talvez seja mais preciso falar de

“modos de análise” do que em “análise de dados” em pesquisa qualitativa.

Esses modos de análise são diferentes abordagens de levantar, analisar e interpretar dados qualitativos. Normalmente, todos os modos de análise qualitativa se concentram primariamente na análise textual (verbal ou escrita).

Embora haja muitos modos de análise na pesquisa qualitativa, Myers destaca três:

- Hermenêutica;
- Semiótica;
- Abordagens com foco na narrativa e metáfora.

Hermenêutica pode ser tratada como uma filosofia fundamental ou como um modo específico de análise (BLEICHER, 1980 *apud* MYERS, 2008). Como uma abordagem filosófica para o entendimento humano, ela fornece a base filosófica para o interpretativismo. Como um modo de análise, ela sugere um caminho para o entendimento de dados textuais, que é o foco aqui. Hermenêutica é primariamente preocupada com o significado de um texto. A questão básica na hermenêutica é: qual é o significado desse texto? (RADNITZKY 1970, *apud* MYERS, 2008). Taylor disse que:

“Interpretação, no sentido relevante para a hermenêutica, é uma tentativa de clarear, de fazer sentido um objeto de estudo. Esse objeto deve, entretanto, ser um texto ou texto análogo, que de alguma maneira é confuso, incompleto, nebuloso, aparentemente contraditório – de um modo ou de

outro, obscuro. A interpretação objetiva traz à luz uma implícita coerência ou sentido" (TAYLOR 1976, apud MYERS, 2008).

A idéia de um círculo hermenêutico refere-se à dialética entre o entendimento de um texto como um todo e a interpretação de suas partes, no qual descrições são guiadas por explanações anteriores (GADAMER, 1976 apud MYERS, 2008). Conseqüentemente temos uma expectativa de significado de um contexto que ocorreu antes. O movimento de entendimento "é constantemente do todo para a parte e de volta para o todo. Como Gadamer explica, "isso é uma relação circular. A antecipação do significado no qual o todo é visualizado torna-se entendimento explícito em que a partes, que são determinadas pelo todo, também determinam o todo." Existam diferentes formas de análise hermenêutica, desde hermenêutica "pura" até hermenêutica crítica (MYERS, 2008).

Se a análise hermenêutica é usada num estudo de SI, o objeto do esforço interpretativo torna-se uma tentativa de fazer sentido de uma organização como um texto análogo. Numa organização, pessoas podem ter visões confusas, incompletas, nebulosas e contraditórias sobre muitos temas. A intenção da análise hermenêutica é de o todo fazer sentido, conjuntamente com a relação entre pessoas, a organização e a informação tecnológica (MYERS, 2008).

Como a hermenêutica, a semiótica pode ser tratada tanto como uma filosofia fundamental quanto como um modo de análise específico. A semiótica é primariamente preocupada com o significado dos sinais e

símbolos na linguagem. A idéia essencial é que palavras/signos podem ser associados a categorias conceituais primárias, e essas categorias representam importantes aspectos da teoria a ser testada. A importância de uma idéia é revelada pela freqüência com que ela aparece no texto (MYERS, 2008).

Uma forma de semiótica é a análise de conteúdo. Krippendorff (1980) *apud* Myers (2008) define análise de conteúdo como "uma técnica de pesquisa para tornar replicáveis e válidas referências de dados para seus contextos." O pesquisador procura por estruturas e regularidades padrão no texto, fazendo inferências com base nessas regularidades.

Outra forma de semiótica é a análise de conversação. Neste caso, é assumido que significados são moldados no contexto da troca (WYNN, 1979 *apud* MYERS, 2008). O pesquisador mergulha na situação para revelar o histórico de práticas.

A terceira forma de semiótica é a análise de discurso. A análise de discurso se constrói sobre a análise de conteúdo e a análise de conversação, mas foca nos jogos de linguagem. Um jogo de linguagem diz respeito a uma bem definida unidade de interação consistindo em uma seqüência de movimentos verbais nos quais mudanças de frases, o uso de metáforas e alegorias desempenham um importante papel (MYERS, 2008).

Existem muitos tipos de narrativa, da narrativa oral à narrativa histórica. Nos últimos anos tem aumentado o reconhecimento do papel que a narrativa e a metáfora têm em todos os tipos de pensamento e práticas sociais. Acadêmicos de muitas disciplinas têm olhado para áreas como uma

metáfora e simbolismo. Em SI, o foco principal tem sido no entendimento da linguagem, comunicação e significado entre desenvolvedores de sistemas e membros de organizações (MYERS, 2008).

3.5.3 Testes de Qualidade

Segundo Yin (2005) um projeto de pesquisa deve representar um conjunto lógico de proposições que, para ser robusto, precisa passar por alguns testes lógicos que atestem sua qualidade. Quatro testes são utilizados para determinar a qualidade de pesquisas sociais empíricas, como os estudos de caso:

- Validação do constructo;
- Validação interna (apenas para estudos explanatórios ou causais);
- Validação externa;
- Confiabilidade.

A validade do constructo consiste no estabelecimento de medidas operacionais adequadas aos conceitos que estão sendo estudados. Yin (2005) aponta três táticas para aumentar a validade do constructo:

- A utilização de várias fontes de evidências de forma a incentivar linhas convergentes de investigação, o que é obtido na fase de coleta de dados;

- O estabelecimento de um encadeamento de evidências, também obtido na fase da coleta de dados;
- Revisão do rascunho do relatório do estudo de caso por informante-chave.

Segundo Yin (2005), a validade interna é uma questão limitada às pesquisas explanatórias ou causais, quando se pretende descobrir se o evento “a” causou o evento “b”. Para garantir a validade interna, o pesquisador precisa ter certeza de que não existe um terceiro evento “c” que possa ter causado “b”. O risco de não se obter a validade interna também se apresenta quando o pesquisador se vê diante de um evento que não pode ser observado diretamente, exigindo então um exercício de inferência a partir de uma ocorrência anterior, com base em evidências obtidas de entrevistas e documentos coletados no estudo de caso. Yin (2005) sugere quatro táticas para a busca da validade interna:

- Adequação ao padrão;
- Construção da explanação;
- Tratamento das explanações concorrentes;
- Uso de modelos lógicos.

A validade externa trata da questão da generalização do estudo. Nesse ponto Yin (2005) destaca que pesquisas com base em levantamentos baseiam-se em generalizações estatísticas, ao passo que os estudos de

caso - da mesma forma que os experimentos – baseiam-se em generalizações analíticas, onde o pesquisador tenta generalizar um conjunto particular de resultados a alguma teoria mais abrangente. O conceito de generalização analítica é aderente à afirmação de Lee (1989) quanto ao estudo de caso poder atingir objetivos científicos por outros meios, tais como controles naturais, proposições verbais e regras da lógica formal, que continuam válidas nas tarefas de fazer deduções controladas.

A confiabilidade trata da certificação de que um pesquisador que siga os mesmos procedimentos descritos por outro anterior a ele e desenvolva o mesmo estudo de caso novamente, chegará às mesmas conclusões, ou seja, trata de minimizar os erros e os vieses de um estudo. Para que seja possível a um outro pesquisador repetir o estudo de caso, faz-se necessário uma boa documentação dos procedimentos adotados. Yin (2005) recomenda duas táticas para lidar com o controle da confiabilidade:

- Uso de protocolo de estudo de caso;
- Desenvolvimento de um banco de dados para o estudo de caso.

CAPÍTULO 4 – MÉTODO DE PESQUISA

4.1 Tipo de pesquisa

Nesse estudo foi adotada a pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (1998), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos.

Para a análise dos fatos do ponto de vista empírico, ou seja, para confrontar a visão teórica com os dados da realidade, é necessário traçar um modelo conceitual e operativo da pesquisa, que pode ser chamado de delineamento da pesquisa. O elemento mais importante para a identificação de um delineamento é o procedimento adotado para a coleta de dados. Assim, podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que se valem das chamadas fontes de “papel” e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas. No primeiro grupo, estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. No segundo, estão as pesquisas experimentais, a pesquisa ex-post facto, o levantamento e o estudo de caso. Essa classificação não pode ser tomada como absolutamente rígida, visto que

algumas pesquisas, em função de suas características, não se enquadram facilmente num ou outro modelo. Entretanto, na maioria dos casos, torna-se possível classificar as pesquisas com base nesse sistema (GIL, 1998).

Embora o método seja tradicionalmente associado ao positivismo, a pesquisa tem também características interpretativistas, pois os artigos objeto da pesquisa foram submetidos a uma análise que exige também uma visão interpretativista. Segundo Weber (2004), a distinção entre positivismo e interpretativismo não é clara. Literaturas conceituadas indicam como estudos de caso – historicamente um método de pesquisa interpretativista - devem ser conduzidos dentro da tradição positivista, e como etnógrafos podem coletar grandes quantidades de dados dentro de uma tradição interpretativista e ainda assim usar inferência estatística para tentar determinar se comportamentos de alguns grupos manifestam certos tipos de regularidade. Portanto, a pesquisa realizada reuniu características positivistas - tratamento estatístico dos dados levantados - e interpretativistas – análise da caracterização das pesquisas estudo de caso.

4.2 Procedimento da pesquisa

O procedimento da pesquisa está sintetizado na figura 2:

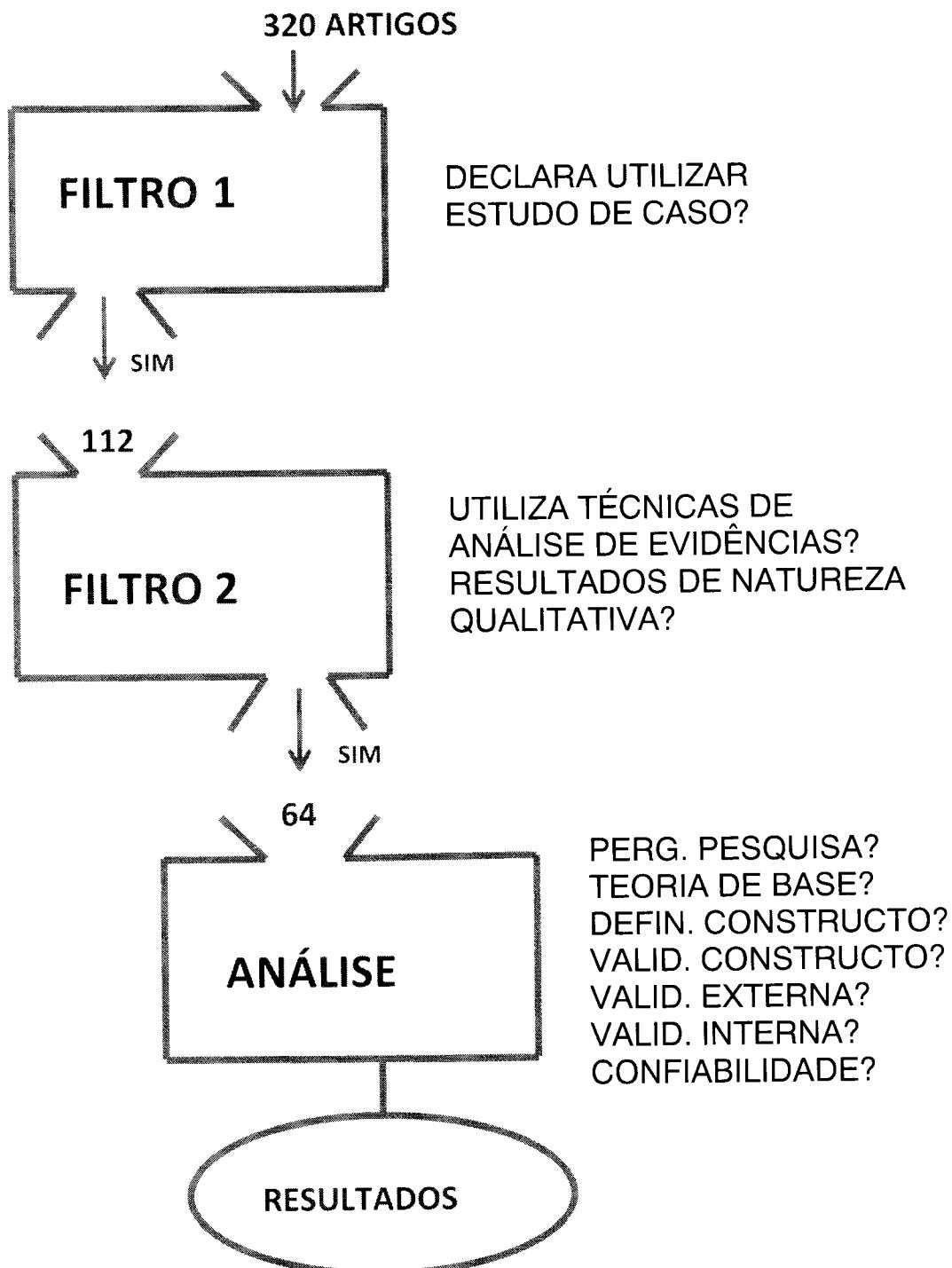


FIGURA 2: Procedimento da pesquisa

Na primeira etapa da pesquisa foram identificados, nos 320 artigos aprovados pela área de ADI do ENANPAD no período de 2001 a 2007, aqueles cujos autores indicavam explicitamente a utilização do método de estudo de caso. No processo de identificação, os mecanismos de procura dos programas aplicativos usados pelos Anais ENANPAD de 2001 a 2007 para a apresentação dos artigos (MS-Word e Adobe Acrobat) foram de especial valia.

Foram selecionados os artigos que citavam a utilização do método de estudo de caso, mesmo que não exclusivamente – algumas pesquisas indicavam outros métodos no mesmo trabalho. Os artigos de cada ano foram separados em dois grupos: “estudo de caso” e “outros”. Em “outros” foram incluídos todos os artigos que não indicavam a utilização do método de estudo de caso, pois não faziam parte do foco da pesquisa e foram utilizados apenas para o cálculo estatístico da participação do método de estudo de caso no total de artigos.

Nos 320 artigos aprovados pela área de ADI do ENANPAD no período de 2001 a 2007 foram identificados 112 artigos em que os autores declararam a utilização do método de estudo de caso.

Foi montado um banco de dados com a utilização do software MS-Excel, de forma a facilitar o manuseio dos dados. Todos os 320 artigos iniciais foram incluídos no banco de dados.

O referencial teórico apresenta outras perspectivas além da positivista, mas esta foi a utilizada para a análise dos artigos nas etapas

seguintes, visto ser a adotada na maioria das pesquisas em SI (DUBÉ; PARÉ, 2003; DINIZ *et al.*, 2006). Os conceitos defendidos por Yin (2005) também foram os adotados nessa pesquisa, por ser o autor mais citado em estudos de caso.

Foi importante também a definição de um critério para que um artigo fosse classificado como estudo de caso, independentemente da sua qualidade metodológica. Inicialmente, o pesquisador partiu dos quesitos abaixo:

- Pergunta de pesquisa: sim/não;
- Teoria de base: sim/não;
- Definição de constructos: sim/não;
- Definição de unidade(s) de análise: sim/não;
- Procedimentos de coleta de dados: questionário/entrevista/documento /base de dados;
- Procedimento de análise dos dados: estatístico/análise de evidências;
- Natureza dos resultados: qualitativa/quantitativa.
- Validade do constructo (sim/não);
- Validade interna (apenas para estudos causais) (sim/não);
- Validade externa (sim/não);
- Confiabilidade (sim/não);

Os quesitos acima foram extraídos das referências utilizadas para a pesquisa, entre elas Benbasat, Goldstein e Mead (1987), Lee (1989), Eisenhardt (1989), Dubé e Paré (2003) e, principalmente, Yin (2005).

O autor verificou que os quesitos acima com respostas do tipo “sim/não” não seriam apropriados como critério, pois demandariam a definição da quantidade de “sim/não” para manter a classificação de um artigo como estudo de caso, o que não casava com o objetivo dessa etapa da pesquisa, de apenas identificar os artigos que não se encaixam na classificação estudo de caso, sem entrar inicialmente no mérito da qualidade da aplicação do método. O autor buscou, então, uma solução no referencial teórico, procurando as condições *sine qua non* para um artigo ser classificado como estudo de caso. As condições encontradas foram:

- O procedimento de análise dos dados;
- A natureza dos resultados.

Se a triangulação de dados é um processo de múltiplas percepções, em que várias fontes de evidências são utilizadas para tornar as idéias mais claras, tendo em vista a repetição de interpretações e observações (YIN, 2005), se tais fontes de evidência são basicamente qualitativas, como entrevistas, observações e documentação (BENBASAT; GOLDSTEIN; MEAD, 1987; YIN, 2005; MYERS, 2008; PARÉ, 2004), e se as três estratégias analíticas utilizadas são: (i) baseando-se em proposições teóricas, (ii) pensando sobre explanações concorrentes e (iii) desenvolvendo

uma descrição de caso (YIN, 2005), inequivocamente o procedimento de análise dos dados em um estudo de caso é uma atividade necessariamente verbal, ou seja, não pode deixar de utilizar técnicas de análise de evidências e a natureza dos resultados, portanto, deve ser necessariamente qualitativa.

Para efeito dessa pesquisa e de acordo com o referencial teórico, os critérios adotados para a classificação dos artigos como estudo de caso foram: (i) a utilização de análise de evidências como procedimento de análise dos dados e (ii) a apresentação de resultados qualitativos. Portanto, os artigos que utilizaram a estatística como procedimento de análise dos dados ou apresentaram resultados de natureza quantitativa não foram classificados como estudo de caso.

Utilizando o critério acima descrito, na segunda etapa foram analisados os 112 artigos classificados pelos autores como estudo de caso, sendo que apenas 64 foram mantidos nessa classificação.

Na terceira etapa, os 64 artigos mantidos com a classificação de estudo de caso foram submetidos a uma análise mais detalhada quanto aos quesitos apresentados anteriormente (pergunta de pesquisa, teoria de base, definição de constructos, procedimentos de coleta de dados, validade do constructo, validade interna - apenas para estudos causais -, validade externa e confiabilidade).

Na quarta etapa, já com a planilha Excel preenchida, foi feita uma análise estatística dos dados, em busca das seguintes informações:

- Participação declarada do método de estudo de caso na amostra inicial de 320 trabalhos apresentados na área de ADI do ENANPAD entre 2001 e 2007;
- Quantidade de artigos por definição de propósito (exploratório, descritivo, explanatório) no universo de 112 trabalhos apresentados como estudo de caso;
- Quantidade de artigos por procedimento de coleta de dados no universo de 112 trabalhos apresentados como estudo de caso;
- Quantidade de artigos por procedimento de análise de dados (estatístico, análise de evidências) no universo de 112 trabalhos apresentados como estudo de caso;
- Quantidade de artigos por natureza dos resultados (qualitativo, quantitativo) no universo de 112 trabalhos apresentados como estudo de caso;
- Participação do método de estudo de caso identificada no universo de 112 trabalhos declarados como tal pelos seus autores;
- Participação real do método de estudo de caso na amostra inicial de 320 trabalhos apresentados na área de ADI do ENANPAD entre 2001 e 2007.

Na quinta etapa foram analisados apenas os 64 artigos identificados pela pesquisa como estudos de caso. Nessa fase foi investigada a presença dos seguintes elementos nas pesquisas:

- Quantidade de artigos que apresentam pergunta de pesquisa, entre os 64 artigos identificados pela pesquisa como estudo de caso;
- Quantidade de artigos que apresentam teoria de base, entre os 64 artigos identificados pela pesquisa como estudo de caso;
- Quantidade de artigos que apresentam definição de constructo(s), entre os 64 artigos identificados pela pesquisa como estudo de caso;
- Quantidade de artigos que apresentam procedimentos de validação do(s) constructo(s) entre os 64 artigos identificados pela pesquisa como estudo de caso;
- Quantidade de artigos que apresentam procedimentos de validação interna (apenas para estudos explanatórios ou causais), entre os 64 artigos identificados pela pesquisa como estudo de caso;
- Quantidade de artigos que apresentam procedimentos de validação externa, entre os 64 artigos identificados pela pesquisa como estudo de caso;
- Quantidade de artigos que apresentam procedimentos de confiabilidade, entre os 64 artigos identificados pela pesquisa como estudo de caso.

4.3 Limitações do método

As limitações do método adotado são:

- Utilizar apenas os critérios positivistas para a análise dos artigos;
- Não considerar a classificação quali-quantitativa nos artigos analisados;
- A necessária utilização da hermenêutica na análise de dados pelo pesquisador, considerando que não há neutralidade científica (VERGARA, 2000).

CAPÍTULO 5 – Análise dos Dados

A análise preliminar dos 320 artigos apresentados na área de ADI do ENANPAD no período de 2001 a 2007 identificou os artigos que declararam a utilização do estudo de caso como método de pesquisa, conforme a tabela 2. A análise foi efetuada com o auxílio dos mecanismos de busca dos programas MS-Word e Acrobat Reader, utilizados para o registro em CD dos anais do ENAMPAD. A palavra chave “de caso” foi a empregada na busca.

Ano	Estudos de Caso	Outros	Total
2001'	4	25	29
2002'	12	36	48
2003'	19	13	32
2004'	14	24	38
2005'	15	30	45
2006'	23	36	59
2007'	25	44	69
Total	112	208	320

Tabela 2 – métodos de pesquisa declarados

Pode-se observar que 35% dos artigos apresentados no período 2001-2007 declararam utilizar o estudo de caso como método de pesquisa. Esse número é inferior ao encontrado por Hoppen e Meirelles (2005) no período 1990-2003, quando constataram 48% de participação de estudo de caso nos 259 artigos do ENANPAD nesse período. Os dados sugerem que

está havendo maior utilização de outros métodos de pesquisa na área de ADI.

Em seu estudo relativo aos anos de 2003, 2004 e 2005, considerando apenas a amostra do ENANPAD, Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) identificaram respectivamente 16, 13 e 14 estudos de caso. Adotando o mesmo período, a atual pesquisa identificou respectivamente 19, 14 e 15.

No gráfico 1 pode-se verificar a evolução da utilização declarada do método de estudo de caso em relação a outros métodos no período analisado.

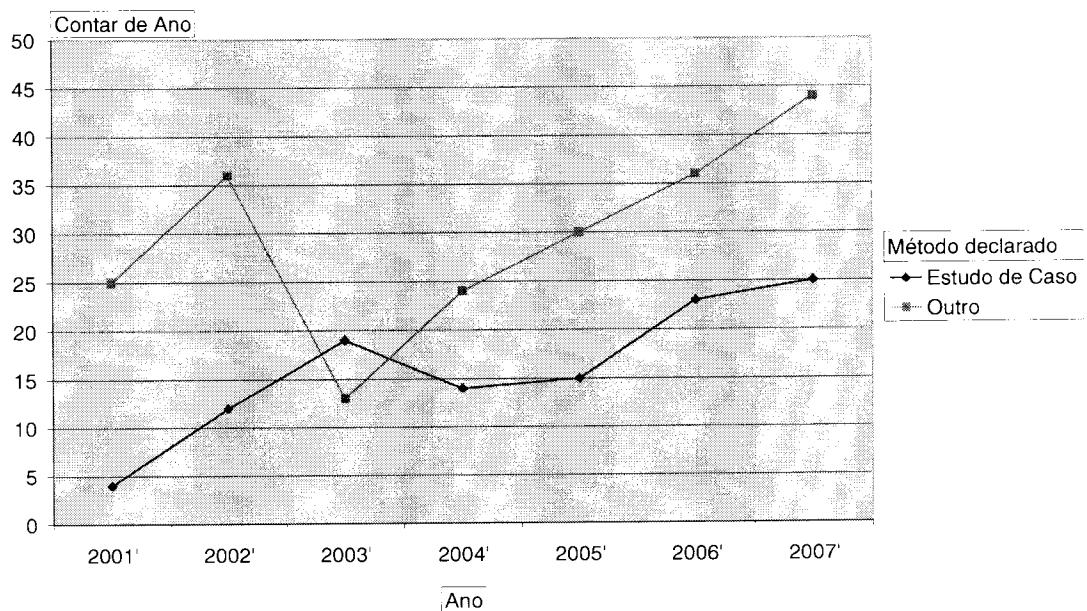


Gráfico 1 – incidência de estudos de caso e outros métodos

Observa-se que a soma dos outros métodos foi maior em todos os anos, com exceção de 2003, quando o método de estudo de caso foi mais declarado que os outros métodos somados.

Após a separação dos artigos cujos autores não declararam a utilização do método de estudo de caso e considerando como universo apenas os artigos declarados pelos autores como estudos de caso, foram identificados os propósitos declarados de cada um dos 112 artigos da amostra, também por meio dos mecanismos de busca dos programas MS-Word e Acrobat Reader. As palavras chave utilizadas foram: “exploratório(a)”, “descritivo(a)”, “explanatório(a)” e “causal”. A tabela 3 apresenta os 112 artigos classificados por ano e por propósito declarado.

Propósito declarado	2001'	2002'	2003'	2004'	2005'	2006'	2007'	Total
causal			1			2		3
causal_exploratório				1		2		3
descritivo	1	1	1		2	3		8
descritivo_causal						1		1
explor_descr.	1	1		4	2	1	1	10
explor_descr_causal						1		1
exploratório	1	7	8	6	6	13	5	46
não declarado	1	3	9	4	6	7	10	40
Total	4	12	19	14	15	23	25	112

Tabela 3 – propósitos de pesquisa declarados

O propósito exploratório foi o mais utilizado (41%), mas o que chama a atenção é a participação de artigos sem propósito declarado (36%). Em

seu estudo relativo aos anos de 2003, 2004 e 2005, considerando somente a amostra do ENANPAD, Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) encontraram percentuais parecidos: 47% de estudos exploratórios e 37% não declarados. Em função da constatação do alto percentual de artigos sem definição de propósito, será que os pesquisadores têm em mente a importância da definição e as diferenças entre os propósitos? Essas questões poderiam ser motivo de futuras pesquisas.

Ainda dentro do universo de 112 artigos declarados como estudos de caso pelos seus autores, a tabela 4 apresenta os artigos por ano e procedimento de coleta de dados declarado.

Coleta de dados	2001'	2002'	2003'	2004'	2005'	2006'	2007'	Total
base de dados				1			1	2
base dados_entrevistas						1		1
b_dad_entrev_doc						1		1
b_dad_entrev_doc_obs						1		1
b_dad_entrev_quest			1					1
documentos							1	1
doc_entrev	1	3	2		5	5	5	21
doc_entrev_obs			1	3	4	3	7	18
doc_entrev_quest	1		2			4	2	9
doc_entrev_quest_obs							1	1
entrevistas			1	5	4	2	2	16
entrev_obs			1			2	1	4
não informado		4	2		1		1	8
observação	1							1
questionário			3	5		1	2	11
quest_doc		1	2					3
quest_entrev	1	1	2	1	1	5	2	13
Total	4	12	19	14	15	23	25	112

Tabela 4 - processos de coleta de dados

A identificação dos procedimentos de coleta de dados nos 112 artigos da amostra foi efetuada por meio de procura visual em leitura de cada artigo. Pelos dados da tabela 4, pode-se verificar que 31 artigos (28%) se utilizam de apenas uma fonte de evidência, o que não é desejável em um estudo de caso, o qual deve se basear em múltiplas fontes de evidências. Outro dado relevante é que 8 artigos não informaram o procedimento de coleta de dados. No entanto, esse é um aspecto que deveria estar presente em todos os artigos, por ser a base para o entendimento e credibilidade dos resultados obtidos (OLIVEIRA; MAÇADA; GOLDONI, 2006).

Vale também destacar que apenas 8 artigos (7%) não informaram o processo de coleta de dados, enquanto Dubé e Paré (2003) encontraram um percentual muito mais elevado (42%) em amostra de 261 artigos colhidos em sete importantes publicações em SI entre 1990 e 1999.

Continuando a análise do universo dos artigos declarados pelos autores como estudos de caso, a tabela 5 apresenta os 112 artigos classificados por ano e por procedimento de análise, identificados pela presente pesquisa.

Proc_anál_dad	2001'	2002'	2003'	2004'	2005'	2006'	2007'	Total
análise_evidências	1	4	8	7	12	13	19	64
estatístico		4	9	7	2	10	5	37
estat_anál_evid	1							1
não informado	1	4			1			6
outro	1		2				1	4
Total	4	12	19	14	15	23	25	112

Tabela 5 - processos de análise de dados

A identificação dos procedimentos de análise de dados nos 112 artigos da amostra foi efetuada também por meio de procura visual em leitura de cada artigo. O dado mais relevante da tabela 5 é que 37 artigos (33%) apresentaram análise de dados estatística, procedimento incompatível com um método “não quantitativo”. Seis artigos (5%) não apresentam a análise do caso, mas apenas os dados levantados e as conclusões.

Continuando a análise detalhada dos artigos declarados pelos autores como estudo de caso, a tabela 6 apresenta os 112 artigos classificados por ano e por natureza dos resultados identificados pela presente pesquisa.

Resultados	2001'	2002'	2003'	2004'	2005'	2006'	2007'	Total
Qualitativo	2	7	10	7	13	13	20	72
Quantitativo		4	9	7	2	10	5	37
Quant_quali	2	1						3
Total	4	12	19	14	15	23	25	112

Tabela 6 - natureza dos resultados

Os 37 artigos (33%) classificados como quantitativos são exatamente os que foram identificados utilizando procedimentos estatísticos para análise dos resultados. Um estudo de caso pode se utilizar de dados quantitativos para confirmar percepções qualitativas verificadas em outras fontes de evidências, mas seus resultados devem ser necessariamente qualitativos. Yin, (2005, p.137) aponta três estratégias analíticas para estudos de caso: (i) baseando-se em proposições teóricas, (ii) pensando sobre explanações

concorrentes e (iii) desenvolvendo uma descrição de caso. As três estratégias são claramente voltadas para a análise qualitativa de proposições verbais, sendo impensável que qualquer das três estratégias possa utilizar análise quantitativa de dados.

A tabela 7 separa, do universo dos artigos declarados pelos autores como estudos de caso, por ano, o artigos que tiveram a classificação de estudo de caso mantida ou rejeitada pela presente pesquisa, de acordo com o critério da necessária utilização da análise de evidências no processo de análise dos dados e apresentação de resultados qualitativos para ser classificado como estudo de caso.

Estudo de Caso?	2001'	2002'	2003'	2004'	2005'	2006'	2007'	Total
Não	3	8	11	7	3	10	6	48
Sim	1	4	8	7	12	13	19	64
Total	4	12	19	14	15	23	25	112

Tabela 7 - estudos de caso? Sim ou não?

Dos 112 artigos declarados pelos autores como estudo de caso, apenas 64 (57%) tiveram sua classificação mantida pela presente pesquisa, pois atenderam simultaneamente aos dois critérios definidos no item 4.2 – procedimento da pesquisa: (i) a utilização de análise de evidências como procedimento de análise dos dados e (ii) apresentação de resultados qualitativos. 48 artigos (43%) foram avaliados apenas como citação de caso.

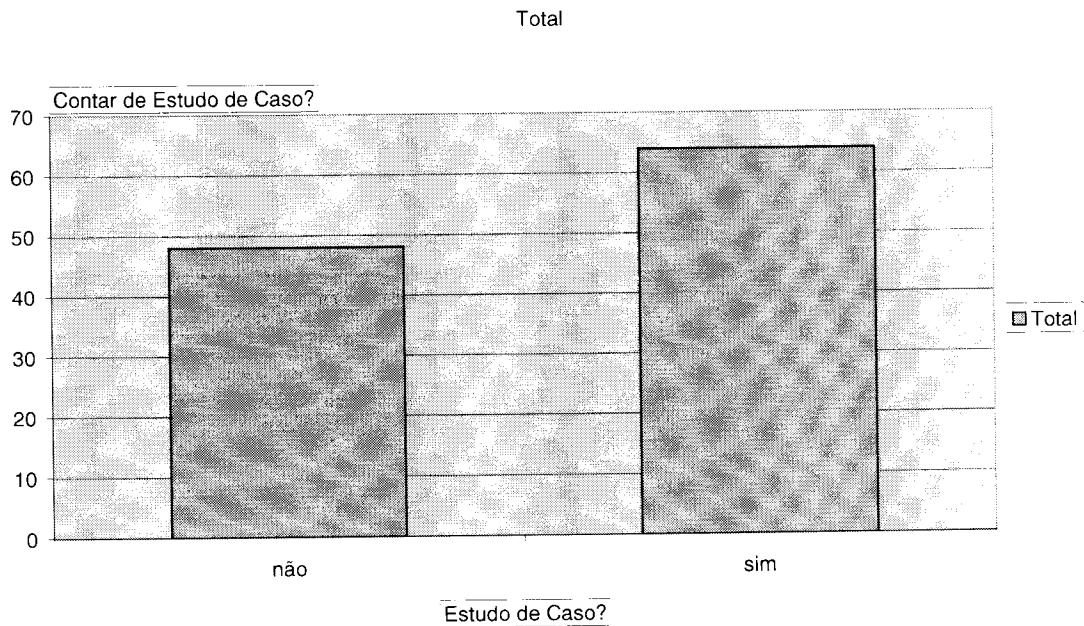


Gráfico 2: estudos de caso. Sim ou não?

Dando continuidade à análise, a seguir são apresentados os resultados da pesquisa para os 64 artigos identificados como estudo de caso na atual pesquisa, quando foram levantadas, por meio de procura visual em leitura detalhada de cada artigo, as presenças dos seguintes elementos nas citadas pesquisas:

- Pergunta de pesquisa;
- Teoria de base;
- Definição de constructo(s);
- Procedimentos de validação do constructo;
- Procedimentos de validação interna (somente estudos explanatórios ou causais);

- Procedimentos de validação externa;
- Procedimentos para confiabilidade.

A tabela 8 apresenta a quantidade de artigos, por ano, que apresentaram pergunta de pesquisa.

Pergunta_pesq	2001'	2002'	2003'	2004'	2005'	2006'	2007'	Total geral
não	2	4	4	5	8	9		32
sim	1	2	4	3	7	5	10	32
Total geral	1	4	8	7	12	13	19	64

Tabela 8 – apresentação de pergunta de pesquisa

O percentual de 50% de artigos que apresentam pergunta de pesquisa é superior ao percentual de 37% encontrado por Oliveira, Maçada e Goldoni (2006), considerando apenas a amostra do ENANPAD no período de 2003 a 2005. Dubé e Paré (2003) encontraram o percentual de 42% em 261 artigos colhidos em sete importantes publicações em SI entre 1990 e 1999.

A tabela 9 apresenta a quantidade de artigos, por ano, que apresentaram teoria de base.

Teoria base	2001'	2002'	2003'	2004'	2005'	2006'	2007'	Total geral
sim	1	4	8	7	12	13	19	64
não	0	0	0	0	0	0	0	0
Total geral	1	4	8	7	12	13	19	64

Tabela 9 – apresentação de teoria de base

Em 100% dos artigos foi constatada a presença de teoria de base. Já Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) encontraram 93% dos artigos com essa característica, em amostra do ENANPAD de 2003 a 2005.

A tabela 10 apresenta a quantidade de artigos, por ano, que apresentam definição do(s) construto(s).

Def_constructo	2001'	2002'	2003'	2004'	2005'	2006'	2007'	Total geral
não		1	4	4	8	4	11	32
sim	1	3	4	3	4	9	8	32
Total geral	1	4	8	7	12	13	19	64

Tabela 10 – definição do(s) constructo(s)

O percentual de 50% de artigos com definição do(s) constructo(s) é similar ao percentual de 53% verificados por Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) em amostra do ENANPAD de 2003 a 2005.

A tabela 11 apresenta a quantidade de artigos por ano que apresentam procedimentos para validade do(s) constructo(s).

Val_Constructo	2001'	2002'	2003'	2004'	2005'	2006'	2007'	Total geral
não	1	3	8	6	11	11	15	55
sim		1		1	1	2	4	9
Total geral	1	4	8	7	12	13	19	64

Tabela 11 – validade do(s) constructo(s)

Apenas 14% dos artigos apresentaram procedimentos de validação do(s) constructo(s). Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) encontraram 5% para esse elemento na amostra do ENANPAD de 2003 a 2005.

A tabela 12 apresenta a quantidade de artigos por ano que apresentaram procedimentos para validade interna. Esse procedimento só se aplica para os estudos de caso explanatórios ou causais. Os artigos com outro propósito estão incluídos na classificação “NA” da tabela 12.

Val_Interna	2001'	2002'	2003'	2004'	2005'	2006'	2007'	Total geral
NA	1	4	7	7	10	13	13	55
não sim			1				4	5
Total geral	1	4	8	7	12	13	19	64

Tabela 12 – validade interna

A tabela 12 indica 9 artigos com identificação de validade interna (sim ou não), embora só tenham sido identificados 8 artigos com propósito causal declarado. O motivo é que há um artigo em 2005 com propósito não declarado e que, na realidade, é um estudo explanatório com procedimento de validação interna. Considerando então 9 artigos de cunho explanatório, houve a ocorrência de instrumentos de validação interna em 44% da amostra. Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) não avaliaram esse elemento, o que não permite uma comparação de resultados.

A tabela 13 apresenta a quantidade de artigos por ano que apresentam procedimentos para validade externa.

Val_Externa	2001'	2002'	2003'	2004'	2005'	2006'	2007'	Total geral
não	1	3	8	7	11	11	15	56
sim		1			1	2	4	8
Total geral	1	4	8	7	12	13	19	64

Tabela 13 – validade externa

Apenas 13% dos artigos apresentaram procedimentos de validação externa. Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) encontraram 5% para esse elemento na amostra do ENANPAD de 2003 a 2005.

A tabela 14 apresenta a quantidade de artigos, por ano, que apresentam procedimentos para a confiabilidade.

Confiabilidade	2001'	2002'	2003'	2004'	2005'	2006'	2007'	Total geral
não	1	3	8	7	10	8	16	53
sim		1			2	5	3	11
Total geral	1	4	8	7	12	13	19	64

Tabela 14 – confiabilidade

Apenas 17% dos artigos apresentam procedimentos de confiabilidade. Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) encontraram 7% para esse elemento na amostra do ENANPAD de 2003 a 2005.

CAPÍTULO 6 – Observações Finais

6.1. Conclusões

A presente pesquisa identificou que parte representativa dos artigos (43%) na área de ADI do ENANPAD (2001 a 2007), declarada pelos autores como estudo de caso, não pode ser assim classificada. Grande parte desses artigos (33%) é pesquisa quantitativa, não guardando qualquer semelhança com o método qualitativo estudo de caso. Em contrapartida, há uma pesquisa (ADID815), classificada pelo autor como quantitativa, mas que na realidade se utiliza de dados quantitativos para a análise de evidências com os dados qualitativos coletados nas entrevistas, o que é perfeitamente compatível com um estudo de caso.

A conclusão é que 43% dos artigos analisados são apenas citações de caso e que nos 57% restantes - considerados estudos de caso pela presente pesquisa - os procedimentos de validação do(s) constructo(s), validação externa e confiabilidade são muito pouco utilizados (entre 13% e 17% dos artigos), o que limita a qualidade dos trabalhos apresentados. Tal conclusão deveria ser levada consideração pelos avaliadores do ENAMPAD na seleção dos artigos, de forma a elevar o nível de qualidade dos artigos aprovados.

Comparando-se os percentuais de presença desses procedimentos com a pesquisa de Oliveira, Maçada e Goldoni (2006), pode-se verificar um

aumento de aproximadamente 10 pontos percentuais na presente pesquisa, o que deve ser creditado à filtragem inicial, quando foram retirados da amostra os artigos que não guardavam nenhuma semelhança com o método de estudo de caso, apesar de serem assim apresentados por seus autores.

Em seu estudo relativo aos anos 2003, 2004 e 2005, Oliveira, Maçada e Goldoni (2006) identificaram respectivamente 16, 13 e 14 estudos de caso, considerando apenas a amostra do ENANPAD. O presente estudo identificou respectivamente 8, 7 e 12, após a separação daqueles artigos que não se enquadram como estudo de caso, de acordo com os critérios adotados: (i) a utilização de análise de evidências como procedimento de análise dos dados e (ii) a apresentação de resultados qualitativos.

Uma das conclusões é que a baixa incidência dos instrumentos de qualidade dos estudos de caso encontrada em pesquisas dessa natureza – análise crítica sobre a qualidade - poderiam melhorar, se as pesquisas disfarçadas de estudo de caso fossem separadas preliminarmente da amostra.

Apesar do aumento percentual de presença dos instrumentos de validação e confiabilidade citados acima, a conclusão foi coincidente com as de Zimmer, Ferreira e Hoppen (2007), Oliveira, Maçada e Goldoni (2006), Hoppen e Meirelles (2005) e Diniz *et al.* (2006), ou seja, que o rigor no uso do método estudo de caso nas pesquisas da área de ADI continua deficiente.

Outra conclusão é que a indiscriminada utilização da denominação do método de estudo de caso em estudos de outra natureza na área de ADI

também contribui para as críticas infundadas ao método, além de não contribuir para o reconhecimento da área de ADI como disciplina de referência na área de Administração.

6.2. Sugestões para pesquisas futuras

A partir dos resultados alcançados nesse estudo, sugere-se as seguintes pesquisas futuras:

- Comparação dos resultados da área de ADI com outras áreas.
- Inclusão no estudo de artigos publicados em periódicos de reconhecimento nacional.

6.3. Limitações da pesquisa

- As conclusões são restritas às publicações da área ADI do ENANPAD no período de 2001 a 2007;
- Como a análise dos artigos foi feita por apenas um pesquisador, não ouve contrapartida crítica da avaliação;
- A subjetividade implícita do pesquisador em sua análise pode ter representado conclusões distintas para uma mesma situação, apesar dos critérios objetivos de análise.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A.J. **Usos e abusos dos estudos de caso.** Cadernos de Pesquisa, v.36, n.129, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 2006.

BENBASAT, I.; GOLDSTEIN, D. K.; MEAD, M. **The case research strategy in studies of information systems.** MIS Quarterly, v.11, n.3, p. 369-386, September 1987.

BIASIO, R.; BORENSTEIN, D. **Um estudo sobre a influência do ambiente e do avaliador na validação de um sistema de apoio à decisão – SAD.** In: Anais do XXX ENANPAD, Salvador, 2006.

EISENHARDT, K. M. **Building Theories from Case Study Research.** Academy of Management Review (14:4), p. 532-550, 1989.

DINIZ, E. H.; PETRINI, M.; BARBOSA, A. F.; CHRISTOPOULOS, T. P.; SANTOS, H. M. **Abordagens epistemológicas em pesquisas qualitativas:** além do positivismo nas pesquisas na área de sistemas da informação. In: Anais do XXX ENANPAD, Salvador, 2006.

DUBÉ, L.; PARÉ, G. **Rigor in information systems positivist case research:** current practices, trends, and recommendations. MIS Quarterly, v.27, n.4, p.597-635, December 2003.

GIL, A. C. **Como classificar pesquisas?** In: _____. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1998.

HOPPEN, N.; MEIRELLES, F.S. **Sistemas de informação:** um panorama da pesquisa científica entre 1990 e 2003. Revista de Administração de Empresas (RAE), v.45, n.1, p. 24-35, jan/mar 2005.

JOIA, L. A.; DIAS, R. M. **Método de pesquisa de casos aplicado a TI –** texto do 5º encontro. FGV/EBAPE, 2005 (Notas de aula).

KLEIN, H. K.; MYERS, M. D. **A set of principles for conducting and evaluating interpretive field studies in information systems.** MIS Quarterly, v.23, n.1, p. 67-94, March 1999.

LEE, A. S. **A scientific methodology for MIS case studies.** MIS Quarterly, v.13, n.1, p. 45-61, March 1989.

LUNARDI, G.; RIOS, L. R.; MAÇADA, A. C. G. **Pesquisa em sistemas de informação:** uma análise a partir dos artigos publicados no ENANPAD e nas principais revistas nacionais em administração. In: Anais do XXIX ENANPAD, Brasília, 2005.

MARQUES, S.; CUNHA, M.A.V.C.; SILVA, W.V. **O uso da TI como ferramenta estratégica para ampliação da base de investidores individuais pela Bovespa.** In: Anais do XXX ENANPAD, Salvador, 2006.

MYERS, M. D. **Qualitative research in information systems.** Disponível em <<http://www.qual.auckland.ac.nz>>. Acesso em: 16 set. 2007.

ORLIKOWSKI, W.J.; BAROUDI, J.J. **Studying information technology in organizations:** research approaches and assumptions, *Information Systems Research* (2), p. 1-28, 1991.

OLIVEIRA, M.; MAÇADA, A.C.G.; GOLDONI, V. **Análise da aplicação do método estudo de caso na área de sistemas da informação.** In: Anais do XXX ENANPAD, Salvador, 2006.

PARÉ, G. **Investigating information systems with positivist case study research.** Communications of the Association for Information Systems, vol. 13, art. 18, March 2004.

PINSONNEAULT, A.; KRAEMER, K.L. **Survey research in management information systems:** an assessment. Journal of Management Information Systems, v.10, n.2, p. 75-105, Fall 1993.

RABIA, S.; CHRISTOPOULOS, T.; PINTO, A.C.; GRISOLIA, D. **Inclusão digital, emprego e inclusão social.** In: Anais do XXX ENANPAD, Salvador, 2006.

STRAUB, D.W. **Validating Instruments in MIS Research.** MIS Quarterly, v. 13, n. 2, p. 147-169, June 1989.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** Atlas. São Paulo, 2000.

WEBER, R. **The rhetoric of positivism versus interpretivism:** a personal view. MIS Quarterly, v.28, n. 1, p. 3-12, March 2004.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Tradução: Daniel Grassi – 3^a edição. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZIMMER, M.V.; FERREIRA, L.; HOPPEN, N. **Validação e confiabilidade em pesquisas na área de sistemas de informação:** uma análise dos artigos publicados no Enanpad entre 1998 e 2006. In: Anais do XXXI ENANPAD, Rio de Janeiro, 2007.

ANEXO

Banco de dados da análise inicial dos 320 artigos da área ADI do ENANPAD (2001 – 2007)

Cód.	Ano	Mét_decl	Prop_decl	Coleta_dados	Anál_dad	Result.	Est_Caso?
1021	2001'	Est Caso	explor_descri.	doc_entrev	estat_anál_evid	quant_quali	não
913	2001'	Est Caso	descriptivo	doc_entrev_quest	anál_evid	quali	sim
875	2001'	Est Caso	não declarado	quest_entrev	não informado	quant_quali	não
760	2001'	Est Caso	exploratório	obs	outro	quali	não
1363	2002'	Est Caso	não declarado	não informado	não informado	quali	não
1296	2002'	Est Caso	exploratório	doc_entrev	anál_evid	quali	sim
1235	2002'	Est Caso	não declarado	não informado	não informado	quali	não
479	2002'	Est Caso	exploratório	não informado	não informado	quant_quali	não
401	2002'	Est Caso	descriptivo	b_dad_entrev_quest	estat	quant	não
1969	2002'	Est Caso	exploratório	quest_entrev	estat	quant	não
1827	2002'	Est Caso	não declarado	não informado	não informado	quali	não
1777	2002'	Est Caso	exploratório	doc_entrev	estat	quant	não
1643	2002'	Est Caso	exploratório	entrev	anál_evid	quali	sim
1530	2002'	Est Caso	exploratório	entrev_obs	anál_evid	quali	sim
1246	2002'	Est Caso	exploratório	doc_entrev	anál_evid	quali	sim
746	2002'	Est Caso	explor_descri.	quest_doc	estat	quant	não
1108	2003'	Est Caso	exploratório	entrev	anál_evid	quali	sim
1168	2003'	Est Caso	não declarado	não informado	estat	quant	não
1206	2003'	Est Caso	exploratório	doc_entrev	anál_evid	quali	sim
1220	2003'	Est Caso	descriptivo	entrev	anál_evid	quali	sim
1463	2003'	Est Caso	não declarado	quest	estat	quant	não
1687	2003'	Est Caso	não declarado	quest	estat	quant	não
2026	2003'	Est Caso	exploratório	entrev	outro	quali	não
342	2003'	Est Caso	não declarado	não informado	outro	quali	não
472	2003'	Est Caso	não declarado	quest_doc	estat	quant	não
485	2003'	Est Caso	exploratório	doc_entrev_quest	estat	quant	não
487	2003'	Est Caso	não declarado	doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim
819	2003'	Est Caso					

916	2003'	Est Caso	exploratório	quest_entrev	estat	quant	não
919	2003'	Est Caso	não declarado	entrev	anál_evid	quali	sim
934	2003'	Est Caso	causal	quest_entrev	anál_evid	quali	sim
94	2003'	Est Caso	não declarado	quest	estat	quant	não
956	2003'	Est Caso	não declarado	entrev	anál_evid	quali	sim
971	2003'	Est Caso	exploratório	doc_entrev_quest	estat	quant	não
2207	2003'	Est Caso	exploratório	quest_doc	estat	quant	não
0155	2004'	Est Caso	não declarado	quest	estat	quant	não
0172	2004'	Est Caso	explor_descr.	quest	estat	quant	não
0436	2004'	Est Caso	não declarado	b_dad	estat	quant	não
0441	2004'	Est Caso	exploratório	entrev	anál_evid	quali	sim
0952	2004'	Est Caso	exploratório	quest	estat	quant	não
1065	2004'	Est Caso	explor_descr.	entrev	anál_evid	quali	sim
1375	2004'	Est Caso	exploratório	quest	estat	quant	não
1380	2004'	Est Caso	não declarado	entrev	anál_evid	quali	sim
1381	2004'	Est Caso	explor_descr.	doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim
1637	2004'	Est Caso	explor_descr.	doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim
2090	2004'	Est Caso	exploratório	quest	estat	quant	não
2335	2004'	Est Caso	não declarado	doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim
2930	2004'	Est Caso	exploratório	quest_entrev	estat	quant	não
3023	2004'	Est Caso	exploratório	entrev	anál_evid	quali	sim
A1474	2005'	Est Caso	não declarado	doc_entrev	anál_evid	quali	sim
A1757	2005'	Est Caso	exploratório	doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim
A1828	2005'	Est Caso	explor_descr.	doc_entrev	anál_evid	quali	sim
A1976	2005'	Est Caso	explor_descr.	doc_entrev	anál_evid	quali	sim
A3010	2005'	Est Caso	não declarado	doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim
A394	2005'	Est Caso	não declarado	entrev	anál_evid	quali	sim
A748	2005'	Est Caso	exploratório	entrev_obs	anál_evid	quali	sim
B212	2005'	Est Caso	causal_explor	doc_entrev	anál_evid	quali	sim
C1356	2005'	Est Caso	não declarado	doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim
C1443	2005'	Est Caso	não declarado	entrev_obs	anál_evid	quali	sim

C1707	2005'	Est Caso	exploratório	doc_entrev_obs	anál_evid	quali	quant	sim
C2311	2005'	Est Caso	exploratório	quest_entrev	estat	quali	não	não
C668	2005'	Est Caso	não declarado	entrev	anál_evid	quali	sim	sim
D180	2005'	Est Caso	exploratório	não informado	não informado	quali	não	não
D2673	2005'	Est Caso	exploratório	doc_entrev	estat	quant	não	não
D2858	2006'	Est Caso	exploratório	doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim	sim
D2721	2006'	Est Caso	não declarado	doc_entrev	estat	quant	não	não
D1966	2006'	Est Caso	não declarado	entrev	estat	quant	não	não
D1548	2006'	Est Caso	exploratório	doc_entrev_quest	estat	quant	não	não
D815	2006'	Est Caso	exploratório	b_dad_entrev_doc	anál_evid	quali	sim	sim
C2311	2006'	Est Caso	exploratório	doc_entrev_quest	estat	quant	não	não
C1529	2006'	Est Caso	não declarado	doc_entrev	estat	quant	não	não
C980	2006'	Est Caso	exploratório	quest_entrev	anál_evid	quali	sim	sim
C818	2006'	Est Caso	exploratório	entrev	anál_evid	quali	sim	sim
B3051	2006'	Est Caso	não declarado	doc_entrev_quest	estat	quant	não	não
B1490	2006'	Est Caso	não declarado	doc_entrev	anál_evid	quali	sim	sim
B377	2006'	Est Caso	exploratório	doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim	sim
A3107	2006'	Est Caso	exploratório	doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim	sim
A3018	2006'	Est Caso	exploratório	quest	estat	quant	não	não
A2561	2006'	Est Caso	explor_descr.	doc_entrev_quest	anál_evid	quali	sim	sim
A2498	2006'	Est Caso	exploratório	quest_entrev	estat	quant	não	não
A2405	2006'	Est Caso	não declarado	quest_entrev	anál_evid	quali	sim	sim
A1976	2006'	Est Caso	exploratório	doc_entrev	anál_evid	quali	sim	sim
A1793	2006'	Est Caso	exploratório	quest_entrev	anál_evid	quali	sim	sim
A1686	2006'	Est Caso	não declarado	b_dad_entrev_doc_obs	anál_evid	quali	sim	sim
A1419	2006'	Est Caso	descritivo	quest_entrev	estat	quant	não	não
A862	2006'	Est Caso	exploratório	doc_entrev	anál_evid	quali	sim	sim
A17	2006'	Est Caso	descritivo	b_dad_entrev	estat	quant	não	não
A1031	2007'	Est Caso	não declarado	quest	outro	quali	não	não
A1661	2007'	Est Caso	descritivo	quest_entrev	estat	quant	não	não
A1748	2007'	Est Caso	não declarado	doc_entrev	anál_evid	quali	sim	sim

A1876	2007'	Est Caso	causal		doc_entrev	anál_evid	quali	sim	
A2521	2007	Est Caso	causal		doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim	
A314	2007'	Est Caso	causal_explor		doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim	
A3203	2007	Est Caso	exploratório		doc_entrev	anál_evid	quali	sim	
A815	2007	Est Caso	não declarado		doc_entrev	anál_evid	quali	sim	
A945	2007'	Est Caso	exploratório		doc_entrev	anál_evid	quali	sim	
B1066	2007	Est Caso	descriptivo		doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim	
B1271	2007	Est Caso	não declarado		entrev	anál_evid	quali	sim	
B1450	2007'	Est Caso	não declarado		doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim	
B2964	2007	Est Caso	exploratório		entrev	anál_evid	quali	sim	
B3291	2007'	Est Caso	descriptivo_causal		doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim	
B424	2007'	Est Caso	exploratório		doc_entrev_quest	anál_evid	quali	sim	
B770	2007	Est Caso	não declarado	quest		estat	quant	não	
B930	2007	Est Caso	explor_descr_causal	doc_entrev_quest_obs		anál_evid	quali	sim	
C1651	2007'	Est Caso	exploratório	doc		anál_evid	quali	sim	
C1996	2007'	Est Caso	explor_descr.		doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim	
C2007	2007	Est Caso	não declarado		doc_entrev_obs	anál_evid	quali	sim	
C320	2007	Est Caso	causal_explor		quest_entrev	anál_evid	quali	sim	
C346	2007	Est Caso	não declarado		doc_entrev_quest	estat	quant	não	
D1086TC	2007'	Est Caso	não declarado		entrev_obs	anál_evid	quali	sim	
D3299	2007	Est Caso	não declarado		não informado	estat	quant	não	
D50	2007'	Est Caso	descriptivo	b_dad		estat	quant	não	
681	2001'	Outro							
1241	2001'	Outro							
888	2001'	Outro							
1187	2001'	Outro							
1024	2001	Outro							
1008	2001'	Outro							
928	2001'	Outro							
926	2001'	Outro							
907	2001'	Outro							

834	2001'	Outro
829	2001'	Outro
827	2001'	Outro
638	2001'	Outro
475	2001'	Outro
360	2001'	Outro
358	2001'	Outro
351	2001'	Outro
275	2001'	Outro
1150	2001'	Outro
1004	2001'	Outro
771	2001'	Outro
669	2001'	Outro
441	2001'	Outro
297	2001'	Outro
206	2001'	Outro
1894	2002'	Outro
1043	2002'	Outro
Trab Conv.	2002'	Outro
1441	2002'	Outro
384	2002'	Outro
1745	2002'	Outro
1454	2002'	Outro
1432	2002'	Outro
1428	2002'	Outro
1356	2002'	Outro
1276	2002'	Outro
1216	2002'	Outro
1122	2002'	Outro
1079	2002'	Outro
1071	2002'	Outro

933	2002'	Outro
931	2002'	Outro
903	2002'	Outro
680	2002'	Outro
839	2002'	Outro
1990	2002'	Outro
1550	2002'	Outro
1974	2002'	Outro
1702	2002'	Outro
1667	2002'	Outro
1634	2002'	Outro
1520	2002'	Outro
1455	2002'	Outro
1426	2002'	Outro
1335	2002'	Outro
1121	2002'	Outro
740	2002'	Outro
727	2002'	Outro
294	2002'	Outro
102	2002'	Outro
826	2002'	Outro
1219	2003'	Outro
1513	2003'	Outro
1749	2003'	Outro
1772	2003'	Outro
1832	2003'	Outro
1856	2003'	Outro
1870	2003'	Outro
2065	2003'	Outro
2077	2003'	Outro
309	2003'	Outro

800	2003'	Outro
871	2003'	Outro
876	2003'	Outro
0190	2004'	Outro
0294	2004'	Outro
0312	2004'	Outro
0378	2004'	Outro
0657	2004'	Outro
0669	2004'	Outro
0687	2004'	Outro
1090	2004'	Outro
1116	2004'	Outro
1152	2004'	Outro
1307	2004'	Outro
1399	2004'	Outro
1617	2004'	Outro
1703	2004'	Outro
1720	2004'	Outro
1868	2004'	Outro
2203	2004'	Outro
2245	2004'	Outro
2364	2004'	Outro
2526	2004'	Outro
2591	2004'	Outro
2748	2004'	Outro
2913	2004'	Outro
2973	2004'	Outro
A1217	2005'	Outro
A146	2005'	Outro
A1483	2005'	Outro
A199	2005'	Outro

A2363	2005'	Outro
A2476	2005	Outro
A2922	2005'	Outro
A4	2005	Outro
A506	2005'	Outro
A726	2005	Outro
A755	2005	Outro
A96	2005'	Outro
B2200	2005'	Outro
B2784	2005'	Outro
B387	2005'	Outro
B846	2005'	Outro
B983	2005'	Outro
C1030	2005'	Outro
C1375	2005'	Outro
C1467	2005'	Outro
C2768	2005	Outro
C519	2005'	Outro
D145	2005'	Outro
D1524	2005'	Outro
D1709	2005'	Outro
D2297	2005'	Outro
D2623	2005'	Outro
D2690	2005'	Outro
D475	2005'	Outro
D861	2005'	Outro
D3019	2006'	Outro
D2540	2006'	Outro
D1383	2006'	Outro
D1195	2006'	Outro
D644	2006'	Outro

D69	2006'	Outro
D1812TC	2006'	Outro
D1268TC	2006'	Outro
C3010	2006'	Outro
C2898	2006'	Outro
C1709	2006'	Outro
C1256	2006'	Outro
C1063	2006'	Outro
C161	2006'	Outro
C2856TC	2006'	Outro
B2796	2006'	Outro
B1406	2006'	Outro
B1257	2006'	Outro
B917	2006'	Outro
A3137	2006'	Outro
A2843	2006'	Outro
A2730	2006'	Outro
A1795	2006'	Outro
A1641	2006'	Outro
A1307	2006'	Outro
A1295	2006'	Outro
A1016	2006'	Outro
A782	2006'	Outro
A766	2006'	Outro
A690	2006'	Outro
A589	2006'	Outro
A284	2006'	Outro
A163	2006'	Outro
A150	2006'	Outro
A39	2006'	Outro
A536TC	2006'	Outro

A1071	2007'	Outro
A1073	2007'	Outro
A1222TC	2007'	Outro
A1578	2007'	Outro
A1697	2007'	Outro
A2016	2007'	Outro
A2165	2007'	Outro
A2173	2007'	Outro
A2628	2007'	Outro
A2674	2007'	Outro
A313	2007'	Outro
A3192TC	2007'	Outro
A587	2007'	Outro
A718	2007'	Outro
A847	2007'	Outro
B1139	2007'	Outro
B1184	2007'	Outro
B1188	2007'	Outro
B1687	2007'	Outro
B2253	2007'	Outro
B2437	2007'	Outro
B2953	2007'	Outro
B2958	2007'	Outro
B3180	2007'	Outro
B3181	2007'	Outro
B333	2007'	Outro
B593TC	2007'	Outro
B686	2007'	Outro
B706	2007'	Outro
B829	2007'	Outro
C1183TC	2007'	Outro

C1223	2007'	Outro
C2004	2007'	Outro
C2502	2007'	Outro
C3056	2007'	Outro
C430	2007'	Outro
D1067	2007'	Outro
D1419	2007'	Outro
D230	2007'	Outro
D2790	2007'	Outro
D2980	2007'	Outro
D2981	2007'	Outro
D3036	2007'	Outro
D316	2007'	Outro

Banco de dados da análise dos 64 artigos da área ADI do ENANPAD (2001 – 2007) caracterizados como Estudo de Caso

Cód_Enanpad	Ano	Perg_pesq	Teoria_base	Def_constr	Def_un_anál	Val_Constr	Val_Ext	Confiab
913	2001'	sim	sim	sim	sim	não	NA	não
1296	2002'	sim	sim	não	sim	não	NA	não
1643	2002'	não	sim	sim	sim	não	NA	não
1530	2002'	não	sim	sim	sim	não	NA	não
1246	2002'	sim	sim	sim	sim	sim	NA	sim
1108	2003'	sim	sim	não	sim	não	NA	não
1168	2003'	sim	sim	sim	sim	não	NA	não
1220	2003'	não	sim	sim	sim	não	NA	não
1463	2003'	não	sim	sim	sim	não	NA	não
819	2003'	não	sim	não	sim	não	NA	não
919	2003'	não	sim	sim	sim	não	NA	não
934	2003'	sim	sim	não	sim	não	NA	não
956	2003'	sim	sim	não	sim	não	NA	não
0441	2004'	não	sim	não	sim	não	NA	não
1065	2004'	não	sim	sim	sim	não	NA	não
1380	2004'	sim	sim	não	sim	não	NA	não
1381	2004'	não	sim	sim	sim	não	NA	não
1637	2004'	sim	sim	não	sim	não	NA	não
2335	2004'	sim	sim	não	sim	não	NA	não
3023	2004'	não	sim	não	sim	não	NA	não
A1474	2005'	sim	sim	sim	sim	não	NA	não
A1757	2005'	sim	sim	sim	sim	não	NA	não
A1828	2005'	não	sim	não	sim	não	NA	não
A1976	2005'	sim	sim	sim	sim	não	NA	sim
A3010	2005'	sim	sim	não	sim	não	NA	não
A394	2005'	sim	sim	não	sim	não	sim	não
A748	2005'	não	sim	não	sim	não	NA	não

B930	2007'	não	sim	não	sim	não	sim	não	não	não
C1651	2007'	não	sim	não	sim	não	sim	não	não	não
C1996	2007'	não	sim	não	sim	não	sim	não	não	não
C2007	2007'	não	sim	não	sim	não	sim	não	não	não
C320	2007'	sim								
D1086TC	2007'	sim	sim	sim	sim	não	NA	não	não	não